



PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023
Reportagem Econômica

MAPA ECONÔMICO DO RS



Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, quarta-feira, 30 de outubro de 2024

FABIANO LUCIETTO PANIZZI/DIVULGAÇÃO/JC



2ª temporada - 2024

4ª edição

Região Central
Vale do Rio Pardo
Vale do Taquari
Vale do Jaguari
Jacuí Centro



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
O futuro nos une.



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

ae



Regiões dos Vales e Central aceleram reconstrução e retomada

Em meio a obras de infraestrutura após a enchente, municípios seguem recebendo novos investimentos e buscam oportunidades para voltar a se desenvolver

Panorama

Um mapa da economia gaúcha dividido em cinco grandes regiões

Regionalização do Estado ganha atualizações no 2º ano do Mapa Econômico do RS

A segunda temporada do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, projeto do Jornal do Comércio que traça uma radiografia da economia gaúcha, mantém, em 2024, o formato de cinco recortes regionais no Estado.

A lógica de agrupar por afinidade econômica e proximidade geográfica os 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) – que formam regiões funcionais no planejamento do Rio Grande do Sul – é mantida, segundo parâmetros da Secretaria Estadual de Planejamento.

No entanto, levando em consideração vocações econômicas locais, fluxos populacionais regionais, fatores históricos e climáticos, que apontam para potenciais produtivos semelhantes, neste ano o Mapa atualiza dois agrupamentos para retratar com mais precisão o dinamismo econômico do Rio Grande do Sul.

As Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste têm acrescida a Região Centro-Sul, formando um dos cinco blocos do RS. Aforas as semelhanças e relações

das cadeias produtivas que interagem mais do que o observado no recorte anterior, quando o Centro-Sul foi retratado com a Região Metropolitana, há um fluxo logístico e produtivo ali que aponta ao Sul.

Critérios semelhantes foram adotados ao considerar os municípios do Corede Alto Jacuí, onde se desenvolve a agricultura de precisão, especialmente relacionada à cultura da soja. Agora, o Alto Jacuí está no mesmo recorte dos municípios mais ao Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul, justamente onde a cultura da soja responde diretamente pelo desenvolvimento econômico regional.

Assim, busca-se nesta forma de organização do Mapa Econômico do RS em 2024 aprimorar a regionalização para obter uma melhor percepção das diferenças locais e da diversidade econômica do Estado.

Desta forma, o conteúdo poderá cumprir melhor com seu objetivo de gerar indicadores econômicos do Rio Grande do

Sul para empresários, executivos, potenciais investidores, economistas, governos, gestores públicos e a todos interessados no desenvolvimento econômico do Estado.

O Mapa, portanto, está dividido em cinco capítulos:

1. Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucarai, Rio da Várzea e Alto Jacuí;
2. Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí;
3. Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste
4. Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro;
5. Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral.



AS CINCO REGIÕES

- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucarai, Rio da Várzea e Alto Jacuí**
Evento em Erechim realizado em 18 de julho
- Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí**
Evento em Bento Gonçalves realizado no dia 15 de agosto
- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Rio Grande realizado no dia 17 de setembro
- Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro**
Evento realizado em Santa Maria no dia 17 de outubro
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**
Evento em Porto Alegre em 3 de dezembro






O banco que está sempre um passo à frente é o mesmo que está sempre ao seu lado.

O **BRDE** cresce a cada ano porque faz de cada parceria um **case de sucesso**. São contratos e financiamentos que transformam projetos em realidade e que garantem mais emprego e renda para toda a Região Sul, pois o crédito que gera desenvolvimento transforma a vida de milhares de famílias.

brde.com.br

BRDE 

CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.



TODOS NÓS POR TODOS NÓS

**PLANO RIO GRANDE
É APOIO INTEGRAL
ÀS FAMÍLIAS
GAÚCHAS.**

Mais de R\$ 2 bilhões investidos na reconstrução do nosso Estado.

O Plano Rio Grande já é uma realidade na saúde, na educação, na infraestrutura e em diversas outras áreas. **Confira abaixo alguns números da recuperação do Estado na habitação:**

Assistência:

Mais de R\$

12
MILHÕES

**Auxílio-
Abrigamento**

Mais de R\$

60
MILHÕES

**Aluguel Social +
Estadia Solidária**

Mais de R\$

240
MILHÕES

**Programa
Volta por Cima**

Mais de R\$

6
MILHÕES

**Cuidar
Tchê 60+**

Habitação:

Mais de R\$

125,4 MILHÕES

A Casa é Sua - Casas temporárias e definitivas

R\$

12 MILHÕES

Complemento de verba no Minha Casa, Minha Vida

R\$

50 MILHÕES

Programa Porta de Entrada



**ACESSE O QR CODE E VEJA
O QUE ESTAMOS FAZENDO
POR TODOS NÓS.**



GOVERNO
DO ESTADO
**RIO
GRANDE
DO SUL**

Carta do editor

Regiões Central e Vales buscam retomada



Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

O giro pelo interior do Rio Grande do Sul em 2024 passou por Santa Maria, nesta segunda temporada do projeto Mapa Econômico do RS. O foco, neste caso, foi a Região Central do Estado.

A iniciativa do Jornal do Comércio se propõe a identificar as principais cadeias produtivas nas diferentes regiões do Rio Grande do Sul, além de apontar desafios e oportunidades de desenvolvimento econômico.

Na primeira temporada, em 2023, foram identificadas mais de 80 iniciativas relevantes em solo gaúcho, que já são realidade ou que podem se transformar em novas molas propulsoras do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul. Outras dezenas de desafios também estão no radar a cada capítulo.

Com a comparação de dados de um ano para outro, é possível apontar indicadores da economia do Rio Grande do

Sul, mostrando, comparativamente, o estágio atual de cada região, seus avanços, aproveitamento de oportunidades bem como pontos que não deslancharam.

Além disso, cabe lembrar que o tema ambiental – que já estava no foco, considerando que buscamos retratar uma economia em transformação, em que um dos pilares é a busca por sustentabilidade – ganha ainda mais atenção após a tragédia climática que atingiu o Estado.

Assim, dois eixos estão em destaque nos cinco capítulos do Mapa Econômico 2024:

1) oportunidades de desenvolvimento em uma economia que se transforma em busca de mais sustentabilidade;

2) desafios para a retomada econômica do Rio Grande do Sul após as enchentes de maio.

Neste quarto conteúdo especial da série Mapa Econômico do RS deste ano, o tema se impõe, já que a radiografia engloba regiões muito afetadas pelas cheias de maio, como o Vale do Taquari, que já havia

sido castigado em eventos climáticos extremos nos meses anteriores. Esta edição engloba ainda as Regiões Central, Vale do Rio Pardo, Vale do Jacuá e Jacuí Centro.

Após a enchente, que deixou um rastro de destruição e problemas nos mais diversos setores, gargalos da infraestrutura pioraram, com novos problemas emergenciais a serem resolvidos.

Felizmente, há também boas notícias nesse período de retomada econômica, como a reconstrução em curso e investimentos que foram mantidos nessas regiões. São pontes sendo refeitas, trechos de estradas desobstruídos, famílias sendo reassentadas e uma série de outras iniciativas.

Estão nessas regiões duas estradas fundamentais para o Rio Grande do Sul, concedidas à iniciativa privada: a BR-386 administrada pela CCR, e a rodovia RSC-287, gerenciada pelo Grupo Sacyr.

Ambas tiveram algum atraso nos seus projetos de duplicação. Mas vários trechos que foram atingidos ou até destruídos pela força das águas de maio já estão refeitos, e as obras seguem a pleno em diversas cidades. Há também iniciativas comunitárias, com o apoio de entidades empresariais e prefeituras, para literalmente refazer pontes.

Também chama a atenção o impulso de alguns setores tradicionais como a indústria

de bebidas e alimentos, uma das forças da economia da região.

Além disso, houve atração de novos investimentos mesmo nesse período crítico, como a instalação de centros logísticos, além do aporte de empresas na reinstalação de suas sedes em novos pontos.

O que se observa, mais uma vez, é a diversidade marcante da economia gaúcha, com diversos segmentos concorrendo para o desenvolvimento econômico. Mais uma vez, o trabalho do Mapa Econômico do RS mostra a importância da visão local sobre oportunidades e desafios.

Em um debate em outubro com mais de uma centena de lideranças regionais, em Santa Maria, polo de importantes universidades e pesquisa, emergiu, como em outras regiões, a defesa da união de esforços para o desenvolvimento econômico.

E o tema infraestrutura voltou a ser debatido, tanto em relação a melhorias no acesso à principal cidade do Centro do Estado, como o de instalação de um aeroporto civil em Santa Maria, demanda que ganhou força após o fechamento do terminal de Porto Alegre – o Salgado Filho ficou mais de cinco meses fechado para voos, reabrindo parcialmente em outubro.

Em termos de oportunidades, em uma cidade que se notabiliza pela força dos serviços,

com uma grande população de renda estável, notadamente ligada à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e às Forças Armadas, emergiram ideias sobre novas possibilidades de alavancar o turismo, além da coerente aposta na inovação, aproveitando o conhecimento da academia a ser transformado em PIB e transformações para a sociedade. Também na tecnologia para o agro está um caminho para novos negócios na região.

Uma síntese das demandas e das possibilidades apontadas pelas lideranças ouvidas no painel e identificadas no levantamento de informações com poder público e entidades privadas está detalhada nesta edição, com o mapeamento de oportunidades e um raio-x das diversas cadeias produtivas.

O trabalho de pesquisa, cruzamento de dados e centenas de entrevistas é complementado, desta forma, com o conhecimento local. É por isso que estamos realizando cinco encontros regionais. Depois de passar por Erechim (Norte), Bento Gonçalves (Serra), Rio Grande (Sul) e Santa Maria (Centro), fecharemos o ano com um encontro em Porto Alegre no início de dezembro.

A tarefa de radiografar a diversa economia gaúcha é ambiciosa, mas enfrentamos este desafio porque está em linha com o trabalho do JC, o diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul.

Quarto capítulo da nova temporada do projeto Mapa Econômico do RS mostra transformações em curso na região

EXPEDIENTE

■ **Editor-Chefe:**
Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

■ **Editor-executivo:**
Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

■ **Editores de Economia:**
Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

■ **Reportagem:**
Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

■ **Diagramação:**
Ingrid Müller
Gustavo Van Ondheusden

ÍNDICE

Dados sobre a população das regiões	página 6	Soja multiplica números da economia	página 20 e 21
Informações sobre o PIB das regiões	páginas 8 a 11	Usina de etanol de trigo em Santiago	páginas 22
Centro é referência em inteligência climática	páginas 12	Novos investimentos em abastecimento	páginas 23
Indústrias de bebidas criam oportunidades	página 13	Indústria química gera negócios globais	página 24
Região vem com força para a retomada	página 14	Produção fumageira garante exportações	páginas 25
Novas linhas de produção com inovação	páginas 15	Produção suína e agrícola	página 26 e 27
Um mapa de oportunidades	página 16 e 17	Duplicação da rodovia RSC-287	página 28
Retomada aquece construção civil	página 18	Turismo abre os braços para recuperação	página 29
Santa Maria como referência em inovação	página 19	Quem passou pelo evento em Santa Maria	página 30 e 31



CONSTRUINDO TRADIÇÃO, ENTREGANDO TRANSFORMAÇÃO.

ITMB/VC



Há 90 anos, estamos presentes nas obras, edifícios, indústrias, estradas, lavouras e no solo. Celebramos o trabalho dos profissionais de Engenharia, Agronomia e Geociências que constroem, reconstroem e transformam o nosso Rio Grande. Nosso maior presente é contribuir para a qualidade de vida dos gaúchos.



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia do Rio Grande do Sul

A população das Regiões Central e dos Vales

As 10 maiores populações

Município	População (Censo 2022)
1º Santa Maria	271.633
2º Santa Cruz do Sul	133.230
3º Lajeado	93.646
4º Cachoeira do Sul	80.070
5º Venâncio Aires	68.653
6º Santiago	48.938
7º Rio Pardo	34.654
8º Teutônia	32.797
9º Estrela	32.183
10º Candelária	28.906

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Vale do Taquari

Total: 361.274 habitantes
(em 2010 eram 327.633, alta de 10,26%)

Município	População (Censo de 2022)
Lajeado	93.646
Teutônia	32.797
Estrela	32.183
Taquari	25.198
Encantado	22.962
Arroio do Meio	21.963
Bom Retiro do Sul	12.294
Cruzeiro do Sul	11.600
Roca Sales	10.418
Arvorezinha	10.322
Paverama	7.978
Santa Clara do Sul	6.887
Anta Gorda	5.957
Progresso	5.340
Muçum	4.601
Tabaí	4.461
Fazenda Vilanova	4.291
Ilópolis	4.157
Marques de Souza	3.969
Putinga	3.747
Westfália	3.098
Dois Lajeados	3.097
Imigrante	3.080
Nova Brésia	3.044
Capitão	2.917
Colinas	2.423
Forquetinha	2.393
Poço das Antas	2.171
Travesseiro	2.152
Sério	1.941
Doutor Ricardo	1.888
Vespasiano Correa	1.818
Relvado	1.796
Pouso Novo	1.739
Canudos do Vale	1.656
Coqueiro Baixo	1.290

Vale do Jaguari

Total: 111.066 habitantes
(em 2010 eram 114.816, queda de 3,26%)

Município	População (Censo de 2022)
Santiago	48.938
São Francisco de Assis	17.618
Cacequi	11.157
Jaguari	10.579
São Vicente do Sul	8.097
Mata	4.698
Nova Esperança do Sul	4.865
Capão do Cipó	3.119
Unistalda	1.995

Vale do Rio Pardo

Total: 399.988 habitantes
(em 2010 eram 393.559, alta de 1,63%)

Município	População (Censo de 2022)
Santa Cruz do Sul	133.230
Venâncio Aires	68.653
Rio Pardo	34.654
Candelária	28.906
Vera Cruz	26.710
Sobradinho	14.226
Arroio do Tigre	12.058
Pantano Grande	10.212
Vale do Sol	9.617
Sinimbu	8.578
General Câmara	7.612
Boqueirão do Leão	6.247
Passo do Sobrado	6.025
Segredo	6.009
Mato Leitão	4.859
Passa Sete	3.982
Ibarama	3.732
Tunas	3.681
Vale Verde	3.150
Estrela Velha	3.070
Herveiras	2.526
Lagoa Bonita do Sul	2.251

Jacuí Centro

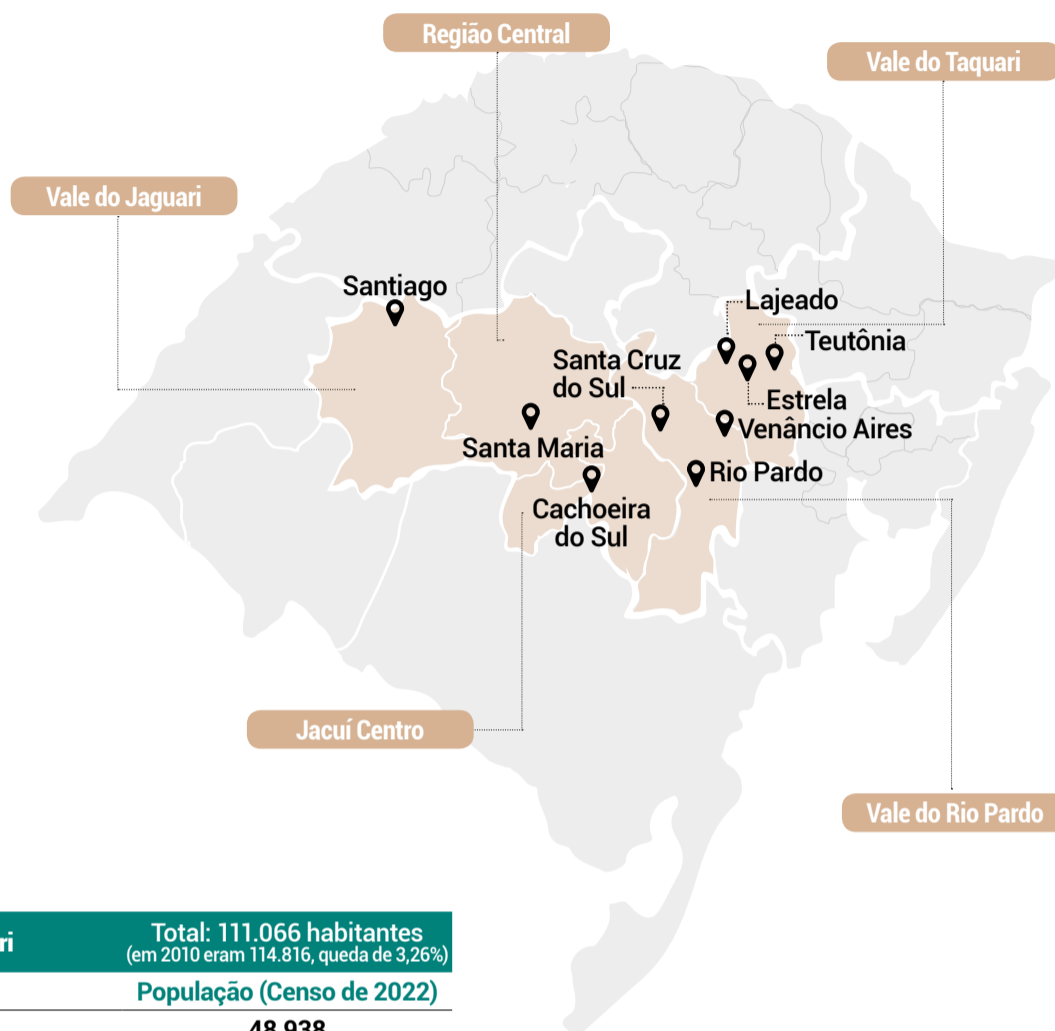
Total: 133.980 habitantes
(em 2010 eram 143.402, queda de 6,57%)

Município	População (Censo de 2022)
Cachoeira do Sul	80.070
São Sepé	21.219
Restinga Sêca	14.939
Paraíso do Sul	6.519
Vila Nova do Sul	3.863
Cerro Branco	3.802
Novo Cabrais	3.568

Região Central

Total: 393.402 habitantes
(em 2010 eram 391.555, alta de 0,47%)

Município	População (Censo de 2022)
Santa Maria	271.633
Tupanciretã	20.005
Júlio de Castilhos	18.226
Agudo	16.039
São Pedro do Sul	15.577
Faxinal do Soturno	6.702
Formigueiro	6.413
Nova Palma	5.586
Itaara	5.572
Pinhal Grande	3.805
Jari	3.349
Dona Francisca	3.079
São Martinho da Serra	2.822
Dilermando de Aguiar	2.806
São João do Polêsine	2.649
Toropi	2.554
Quevedos	2.507
Silveira Martins	2.149
Ivorá	1.929



corsan.com.br

elementar / branding & design

Água segura, *vida saudável.*

A Corsan se destaca pela excelência no controle de qualidade da água fornecida à população. Realizamos, diariamente, mais de 500 análises laboratoriais para garantir que a água entregue aos consumidores esteja livre de contaminantes e dentro dos mais rigorosos padrões de potabilidade. Além disso, investimos constantemente

em tecnologias avançadas para modernizar nossas operações e aprimorar o tratamento e a distribuição de água. Esses investimentos, aliados à instalação de novas redes e poços, ampliam o acesso à água tratada e reflete o compromisso da Corsan com a saúde e o bem-estar de milhões de gaúchos.

 **CORSAN**^{ce}

Nossa natureza
movimenta *o Rio Grande.*

Conjuntura

Centro avança e ganha mais participação no PIB do RS

Regiões Central e Vales ampliam fatia do total e somam 12,09% do PIB do Rio Grande do Sul

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A primeira edição do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, em 2023, retratou transformações populacionais do Estado. A comparação dos dados do Censo do IBGE entre 2010 e 2022 mostrou mudanças, com destaque para o crescimento do número de habitantes na região do Litoral.

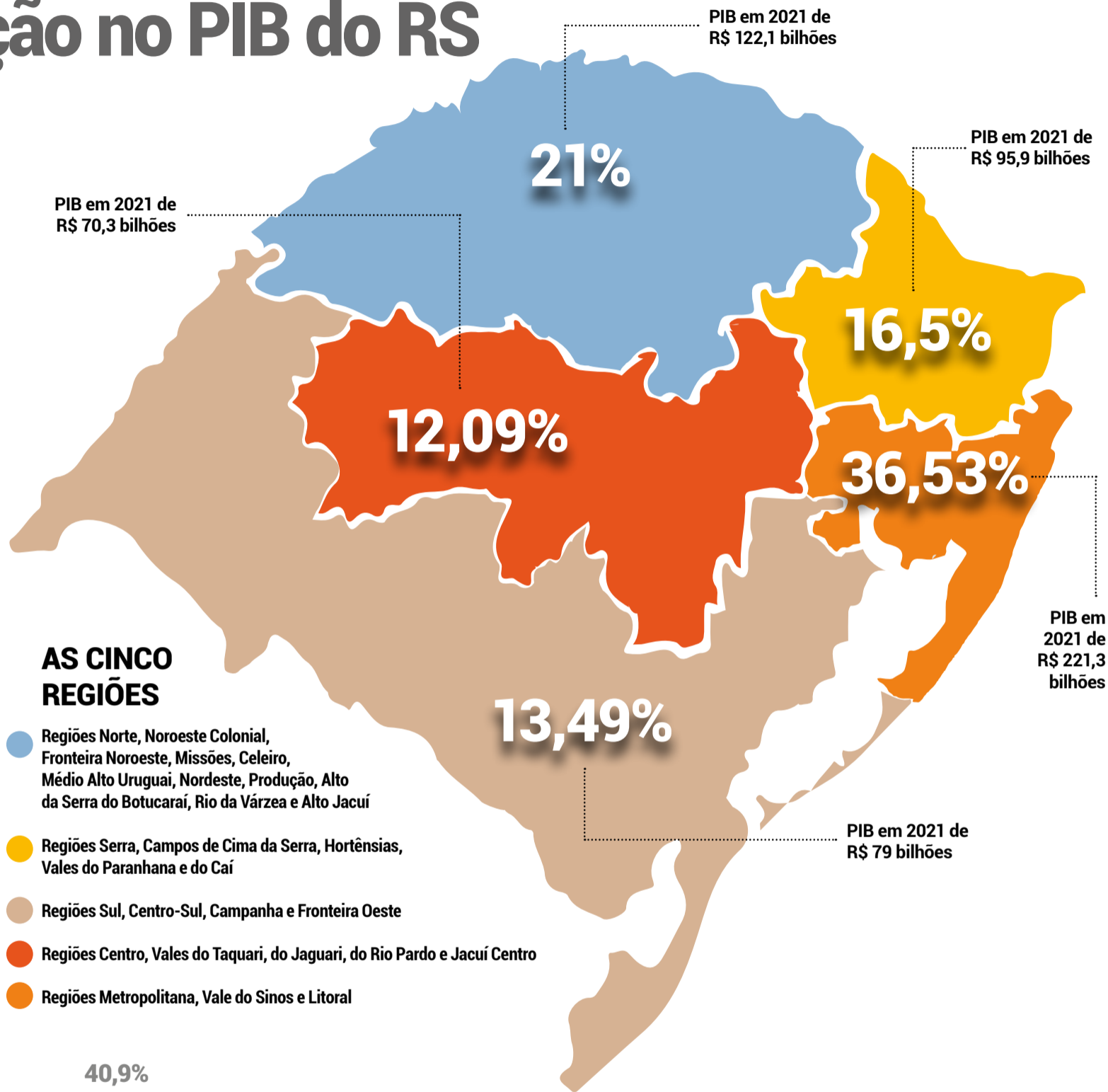
Nesta segunda temporada do Mapa, em 2024, os dados mais recentes das populações dos 497 municípios gaúchos estão novamente presentes.

A novidade, nos especiais deste ano, é que a análise traz a evolução dos PIBs municipais e regionais (os das Regiões Central, Vales e Jacuí Centro estão detalhados nas próximas páginas) no comparativo entre 2020 e 2021, dados mais recentes do IBGE.

De um ano para outro, houve crescimento de 23,4% no PIB do Rio Grande do Sul, passando de R\$ 470,94 bilhões no ano de 2020 para R\$ 581,28 bilhões em 2021.

Percebe-se maior capilaridade de valores no Interior, reflexo direto de um ano (2021) em que houve supersafra de soja no Rio Grande do Sul. As participações regionais no PIB tiveram importantes transformações, especialmente onde o agro tem papel de protagonismo. Destaque para o Valor Adicional Bruto (VAB) Agropecuário, que teve elevação de 107,4%, enquanto no VAB Industrial foi de 27,2%.

Neste contexto, as regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral, mesmo com crescimento de R\$ 35,7 bilhões, passaram a representar 36,53% do PIB gaúcho, redução de 4,4 pontos percentuais. Já as regiões Central, Vales e Jacuí Centro registraram o maior crescimento, de 2,6 pontos percentuais, passando de 9,49% do PIB em 2020 para 12,09% em 2021.

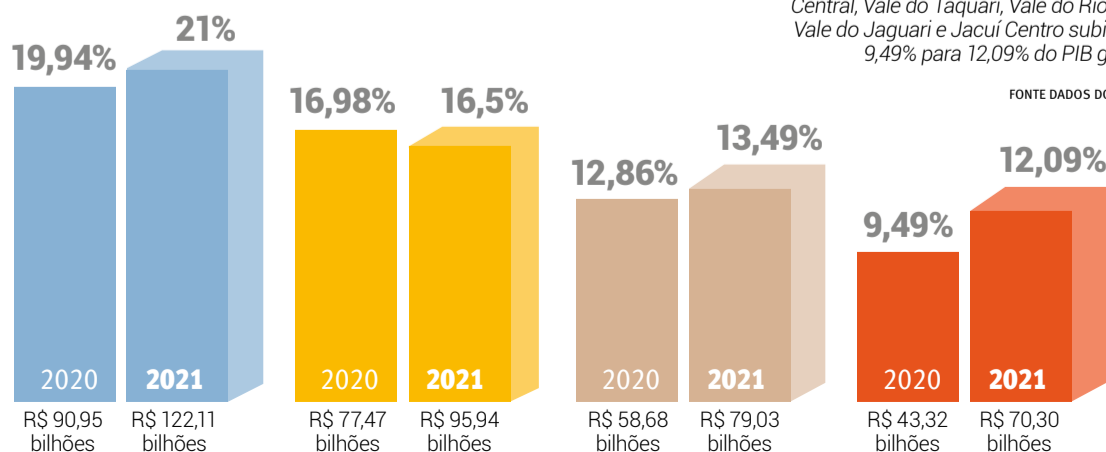


Participação de regiões no PIB do RS

- PIB total do RS em 2020: R\$ 470,94 bilhões
- PIB total do RS em 2021: R\$ 581,28 bilhões

Embora o PIB de todas as regiões tenha crescido de 2020 para 2021 (período que engloba o auge da pandemia e a recuperação econômica), a participação no PIB total do Estado se alterou. As Regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguari e Jacuí Centro subiram de 9,49% para 12,09% do PIB gaúcho.

FONTES DADOS DO PIB: IBGE



Conjuntura

Região Central busca manter crescimento

PIB das Regiões Central, Vales e Jacuí Centro teve alta nos últimos anos; desafio é seguir nessa trajetória após enchentes de maio

Com alta de 2,6 pontos percentuais na participação do PIB gaúcho entre 2020 e 2021, as Regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguari e Jacuí Centro foram as que mais cresceram proporcionalmente, de acordo com o dado regional mais recente do PIB.

O desafio é manter essa trajetória de alta, especialmente após as enchentes de maio, que afetaram duramente essa parte do Estado, caso do Vale do Taquari. A reconstrução e a retomada econômica estão em curso nessa parte do Rio Grande do Sul, com obras de infraestrutura e novos investimentos públicos e privados.

Participação de cada microrregião (Corede) no PIB do Rio Grande do Sul

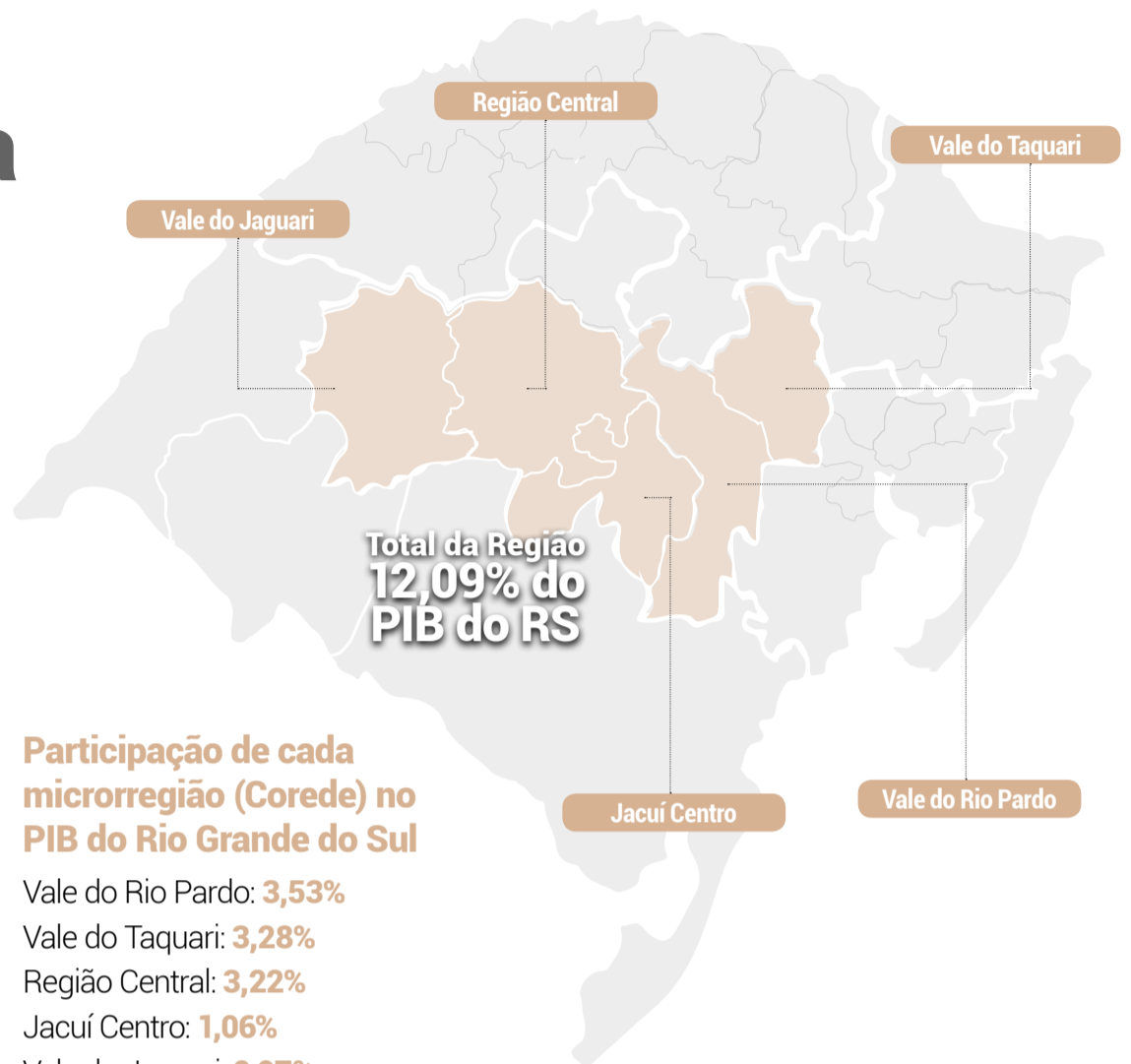
■ **VALE DO RIO PARDO:**
R\$ 20.564.411.339 (valor cresceu 6,06% em relação a 2020), representa 3,53% do PIB do RS em 2021

■ **VALE DO TAQUARI**
R\$ 19.115.555.723 (valor cresceu 17,6% em relação a 2020), representa 3,28% do PIB do RS em 2021

■ **REGIÃO CENTRAL**
R\$ 18.757.007.907 (valor cresceu 28,04% em relação a 2020), representa 3,22% do PIB do RS em 2021

■ **JACUÍ CENTRO**
R\$ 6.174.083.601 (valor cresceu 52,01% em relação a 2020), representa 1,06% do PIB do RS em 2021

■ **VALE DO JAGUARI**
R\$ 5.692.618.848 (valor cresceu 58,3% em relação a 2020), representa 0,97% do PIB do RS em 2021



Participação de cada microrregião (Corede) no PIB do Rio Grande do Sul

Vale do Rio Pardo: **3,53%**

Vale do Taquari: **3,28%**

Região Central: **3,22%**

Jacuí Centro: **1,06%**

Vale do Jaguari: **0,97%**

CIEE RS **conjuntos**

CONECTE SUA EMPRESA AOS TALENTOS DA SUA REGIÃO

No **CIEE-RS**, conectamos sua empresa com jovens estagiários e aprendizes prontos para contribuir com o crescimento econômico da sua região. **Capacite hoje os profissionais que vão liderar amanhã!**

Acesse a plataforma Conjuntos e descubra como integrar jovens talentos à sua equipe.

Escaneie o QR Code e confira a Pesquisa CIEE-RS Perfil do Estagiário 2024

@ciee_rs @ciee-rs
 @cieers CIEE-RS
 @CIEERS.ORG (51) 3363-1000

CONJUNTURA

PIB do Centro cresce, mas é menor do que outras regiões

Maioria dos municípios com maior atividade econômica das Regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguari e Jacuí Centro teve alta no PIB entre 2020 e 2021, segundo dados mais recentes disponíveis, divulgados pelo IBGE.

10 maiores PIBs por município

Município	PIB em 2020	PIB em 2021	Variação
1º Santa Cruz do Sul	R\$ 10.494.583.157	R\$ 9.815.170.122	-6,47%
2º Santa Maria	R\$ 8.740.365.137	R\$ 9.562.027.150	+9,4%
3º Lajeado	R\$ 4.695.484.137	R\$ 5.596.168.707	+19,18%
4º Venâncio Aires	R\$ 3.671.050.738	R\$ 3.732.029.836	+1,66%
5º Cachoeira do Sul	R\$ 2.368.724.930	R\$ 3.542.693.264	+49,56%
6º Estrela	R\$ 1.797.386.521	R\$ 2.171.440.713	+20,81%
7º Tupanciretã	R\$ 1.186.953.439	R\$ 2.052.009.378	+72,88%
8º Santiago	R\$ 1.469.766.006	R\$ 2.021.443.564	+37,53%
9º Júlio de Castilhos	R\$ 1.141.721.691	R\$ 1.925.170.684	+68,61%
10º Teutônia	R\$ 1.447.329.654	R\$ 1.576.003.829	+8,89%

VALE DO RIO PARDO

R\$ 20.564.411.339 (dado de 2021, representa 3,53% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Santa Cruz do Sul	R\$ 10.494.583.157	R\$ 9.815.170.122
Venâncio Aires	R\$ 3.671.050.738	R\$ 3.732.029.836
Rio Pardo	R\$ 922.432.738	R\$ 1.390.517.657
Candelária	R\$ 837.818.997	R\$ 1.078.185.507
Vera Cruz	R\$ 746.479.724	R\$ 826.715.830
Pantano Grande	R\$ 361.491.067	R\$ 533.686.932
Sobradinho	R\$ 380.495.681	R\$ 438.641.313
Arroio do Tigre	R\$ 306.887.791	R\$ 429.270.756
General Câmara	R\$ 156.306.292	R\$ 276.372.433
Vale do Sol	R\$ 220.183.951	R\$ 272.711.898
Passo do Sobrado	R\$ 167.546.856	R\$ 229.639.685
Sinimbu	R\$ 188.404.736	R\$ 213.479.662
Estrela Velha	R\$ 107.224.663	R\$ 197.413.818
Mato Leitão	R\$ 147.068.482	R\$ 180.535.471
Segredo	R\$ 111.813.608	R\$ 163.086.849
Boqueirão do Leão	R\$ 119.656.833	R\$ 150.393.480
Passa Sete	R\$ 98.727.800	R\$ 132.982.234
Vale Verde	R\$ 83.303.810	R\$ 130.451.630
Tunas	R\$ 71.162.091	R\$ 120.843.559
Ibarama	R\$ 83.286.488	R\$ 112.226.033
Herveiras	R\$ 59.460.659	R\$ 71.142.046
Lagoa Bonita do Sul	R\$ 53.804.526	R\$ 68.914.588

REGIÃO CENTRAL

R\$ 18.757.007.907 (dado de 2021, representa 3,22% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Santa Maria	R\$ 8.740.365.137	R\$ 9.562.027.150
Tupanciretã	R\$ 1.186.953.439	R\$ 2.052.009.378
Júlio de Castilhos	R\$ 1.141.721.691	R\$ 1.925.170.684
Pinhal Grande	R\$ 784.840.625	R\$ 931.832.261
Agudo	R\$ 541.865.304	R\$ 667.873.462
São Pedro do Sul	R\$ 401.817.162	R\$ 532.254.846
Jari	R\$ 154.903.941	R\$ 469.004.754
Nova Palma	R\$ 284.050.795	R\$ 382.687.153
São Martinho da Serra	R\$ 156.831.974	R\$ 336.098.462
Formigueiro	R\$ 192.869.539	R\$ 302.798.813
Quevedos	R\$ 168.264.976	R\$ 299.302.397
Itaara	R\$ 196.795.954	R\$ 286.657.742
Faxinal do Soturno	R\$ 226.717.531	R\$ 270.104.544
Dilermando de Aguiar	R\$ 131.631.382	R\$ 267.900.903
Dona Francisca	R\$ 83.240.092	R\$ 106.595.521
São João do Polêsine	R\$ 93.357.973	R\$ 104.816.744
Toropi	R\$ 67.436.402	R\$ 101.332.721
Silveira Martins	R\$ 58.134.987	R\$ 86.629.939
Ivorá	R\$ 37.455.150	R\$ 71.910.433

VALE DO TAQUARI

R\$ 19.115.555.723 (dado de 2021, representa 3,28% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Lajeado	R\$ 4.695.484.137	R\$ 5.596.168.707
Estrela	R\$ 1.797.386.521	R\$ 2.171.440.713
Teutônia	R\$ 1.447.329.654	R\$ 1.576.003.829
Arroio do Meio	R\$ 1.327.635.517	R\$ 1.536.556.285
Encantado	R\$ 1.020.292.105	R\$ 1.168.354.663
Taquari	R\$ 856.243.176	R\$ 1.094.079.527
Roca Sales	R\$ 470.116.065	R\$ 576.081.085
Cruzeiro do Sul	R\$ 405.909.724	R\$ 533.002.439
Imigrante	R\$ 744.218.254	R\$ 519.188.608
Bom Retiro do Sul	R\$ 329.431.887	R\$ 403.053.654
Santa Clara do Sul	R\$ 273.413.545	R\$ 339.105.392
Arvorezinha	R\$ 280.488.776	R\$ 336.246.334
Anta Gorda	R\$ 239.673.087	R\$ 322.291.500
Muçum	R\$ 284.633.961	R\$ 301.850.720
Westfalia	R\$ 202.002.476	R\$ 264.838.601
Paverama	R\$ 202.082.809	R\$ 242.456.426
Dois Lajeados	R\$ 117.937.468	R\$ 172.600.630
Progresso	R\$ 131.843.199	R\$ 166.516.170
Tabaí	R\$ 111.622.383	R\$ 142.085.264
Nova Bréscia	R\$ 114.524.693	R\$ 141.143.044
Fazenda Vilanova	R\$ 102.076.363	R\$ 140.822.351
Ilópolis	R\$ 122.338.278	R\$ 140.569.145
Putinga	R\$ 106.026.621	R\$ 133.441.733
Poço das Antas	R\$ 106.113.955	R\$ 131.756.232
Marques de Souza	R\$ 98.780.969	R\$ 124.134.270
Vespasiano Corrêa	R\$ 74.314.844	R\$ 119.438.834
Capitão	R\$ 87.529.595	R\$ 95.377.892
Colinas	R\$ 76.691.629	R\$ 87.208.648
Relvado	R\$ 60.990.642	R\$ 82.686.594
Doutor Ricardo	R\$ 56.116.945	R\$ 78.890.014
Travesseiro	R\$ 67.430.059	R\$ 78.086.875
Canudos do Vale	R\$ 52.343.101	R\$ 67.986.915
Pouso Novo	R\$ 50.874.186	R\$ 61.419.423
Sério	R\$ 48.952.596	R\$ 59.570.858
Forquetinha	R\$ 46.799.254	R\$ 58.939.111
Coqueiro Baixo	R\$ 43.495.812	R\$ 52.163.237

JACUÍ CENTRO

R\$ 6.174.083.601 (dado de 2021, representa 1,06% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Cachoeira do Sul	R\$ 2.368.724.930	R\$ 3.542.693.264
São Sepé	R\$ 822.981.390	R\$ 1.331.316.291
Restinga Sêca	R\$ 467.562.646	R\$ 673.419.736
Paraíso do Sul	R\$ 149.973.545	R\$ 207.384.401
Vila Nova do Sul	R\$ 101.933.767	R\$ 195.941.266
Novo Cabrais	R\$ 79.734.650	R\$ 133.170.427
Cerro Branco	R\$ 70.665.740	R\$ 90.158.216

VALE DO JAGUARI

R\$ 5.692.618.848 (dado de 2021, representa 0,97% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021	Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Santiago	R\$ 1.469.766.006	R\$ 2.021.443.564	Jaguari	R\$ 255.078.088	R\$ 378.017.966
São Francisco de Assis	R\$ 459.274.078	R\$ 804.119.358	Nova Esperança do Sul	R\$ 123.203.745	R\$ 172.364.606
São Vicente do Sul	R\$ 463.775.825	R\$ 730.552.783	Mata	R\$ 113.421.086	R\$ 169.005.281
Capão do Cipó	R\$ 257.702.007	R\$ 644.963.923	Unistalda	R\$ 88.207.071	R\$ 149.066.195
Cacequi	R\$ 365.259.658	R\$ 623.085.172			

Dados sobre o Valor Adicionado Bruto nas regiões

O Valor Adicionado Bruto (VAB) mostra o quanto cada setor contribui dentro do que é produzido por municípios. O PIB de um município é formado pela soma do VAB dos setores e a arrecadação de impostos resultante da produção.

VAB Serviços

Santa Maria, Santa Cruz do Sul e Lajeado, respectivamente os municípios referenciais nas Regiões Central, Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari, concentram os maiores valores relacionados aos Serviços. Ficam entre estes municípios justamente as universidades que movimentam este recorte do Rio Grande do Sul, investimentos importantes em logística e, no caso de Santa Maria, a maior concentração de instituições militares do Brasil.

1º Santa Maria	R\$ 7 bilhões
2º Santa Cruz do Sul	R\$ 4,7 bilhões
3º Lajeado	R\$ 3,2 bilhões
4º Venâncio Aires	R\$ 1,8 bilhão
5º Cachoeira do Sul	R\$ 1,8 bilhão
6º Santiago	R\$ 1,3 bilhão
7º Estrela	R\$ 980,6 milhões
8º Júlio de Castilhos	R\$ 893,6 milhões
9º Teutônia	R\$ 791 milhões
10º Tupanciretã	R\$ 746,6 milhões

VAB Agrícola

Os valores relacionados à agropecuária refletem a supersafra da soja no Estado em 2021 – ano do levantamento mais recente dos PIBs municipais. Tupanciretã, na Região Central, lidera o setor, como já acontecia em 2020, no entanto, com quase o triplo do valor adicionado à economia local em relação aos R\$ 446,4 milhões do ano anterior. Entre os 10 principais VABs da agropecuária, sete são de municípios das regiões Central e Vale do Jaguari, que concentram as maiores áreas de plantio do grão. Destaque também para Cachoeira do Sul – que mais do que dobrou o VAB do agro – e São Sepé, no Jacuí Centro, onde a cultura da soja tem ainda a companhia do arroz.

1º Tupanciretã	R\$ 1,1 bilhão
2º Cachoeira do Sul	R\$ 972,4 milhões
3º Júlio de Castilhos	R\$ 741,2 milhões
4º São Sepé	R\$ 588,2 milhões
5º Rio Pardo	R\$ 571,6 milhões
6º Capão do Cipó	R\$ 457 milhões
7º São Francisco de Assis	R\$ 437,7 milhões
8º Santiago	R\$ 425,7 milhões
9º Santa Maria	R\$ 391 milhões
10º Jari	R\$ 377,8 milhões

VAB Industrial

Confirmando a tendência de maior capilarização do PIB gaúcho em 2021, com destaque para o agro, o setor industrial registrou, neste recorte do Estado, redução de valores adicionados entre os seus principais municípios. Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, por exemplo, onde se concentra a indústria fumageira, tiveram, reunidos, redução de 18% nesta participação econômica. Por outro lado, metade dos 10 principais VABs industriais são do Vale do Taquari, que registrou crescimento embalado principalmente pelos setores alimentícios e de proteína animal.

1º Santa Cruz do Sul	R\$ 2,1 bilhões
2º Lajeado	R\$ 1,4 bilhão
3º Santa Maria	R\$ 1,1 bilhão
4º Venâncio Aires	R\$ 1,1 bilhão
5º Estrela	R\$ 783 milhões
6º Pinhal Grande	R\$ 654,4 milhões
7º Arroio do Meio	R\$ 618,8 milhões
8º Cachoeira do Sul	R\$ 478,2 milhões
9º Teutônia	R\$ 446 milhões
10º Taquari	R\$ 372 milhões



sindienergia-rs
energias renováveis

NOSSO FUTURO É RENOVÁVEL

O uso de energias geradas por fontes limpas é o que a sociedade quer.



Traga a sua energia para cá!

SEJA UMA ASSOCIADA

www.sindienergiars.com.br



Reportagem Especial

Centro do Estado é uma referência em inteligência climática

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mantém, junto à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), um centro equipado

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A fábrica de produtos de limpeza Fontana até criou um plano de prevenção a cheias do Rio Taquari, em Encantado, no Vale do Taquari. Mas, sem informações técnicas suficientes que antecipassem os perigos com maior exatidão, após três enxurradas, em setembro e novembro do ano passado, e em maio deste ano, a empresa acumula um prejuízo de R\$ 50 milhões estruturais e outros de até R\$ 100 milhões projetados em perda de mercado neste período.

O risco agora fez com que a empresa investisse em uma nova planta, em Teutônia, um município em um trecho mais alto do Vale, que passará a dividir as atividades com Encantado – e reduzir os riscos à produção.

“Ninguém imaginava tudo aquilo em setembro, e com tanta

velocidade. Aquele evento souo o nosso alerta, ficamos 40 dias sem produzir, e criamos um plano que, em novembro, reduziu os impactos da segunda cheia. Em abril, já havíamos retomado 85% do nosso ritmo de produção, e aí veio a pior das enchentes, em maio, que nos mostrou que eventos como esse tendem a se repetir e não podem mais representar um risco tão grande. Fomos obrigados a buscar novas localidades enquanto retomávamos a produção, que só aconteceu a partir de julho”, conta o diretor da empresa, Maurício Fontana.

Entre as ações do plano de prevenção da Fontana estava, por exemplo, o acompanhamento detalhado de índices pluviométricos e a criação de um boletim meteorológico próprio. O Rio Grande do Sul ainda não conta com um Centro de Serviços Meteorológicos, como já existe em estados como Santa Catarina, Paraná ou Mato Grosso do Sul, concorrentes diretos dos gaúchos na atração de investimentos. Entre as principais propostas do comitê científico que participa do Plano Rio Grande, criado pelo governo



Questão climática ganhou mais relevância após enchentes; Santa Maria e Pelotas formam meteorologistas

estadual, está justamente este centro, que teria Santa Maria, na Região Central do Estado, como um local de referência estadual e nacional.

Estrutura e conhecimento para isso já existem. Nos últimos 20 anos o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mantém, junto à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), um centro equipado que, no entanto, só tem servido a pesquisas acadêmicas, com uma equipe de especialistas reduzida.

“Geralmente, quando se fala em monitoramento climático, se pensa em Defesa Civil, mas precisa ser muito mais do que isso. O mapeamento de riscos climáticos precisa ser encarado como algo semelhante ao que os agentes de mercado fazem, por exemplo, na Bolsa de Valores. Um centro como este precisa

ser pensado como um banco de informações públicas e estratégicas para definir investimentos no agro, na indústria ou no comércio. Os maiores investidores levam isso em consideração. Estamos falando de 100 anos de avaliação das variabilidades climáticas, que condicionam, por exemplo, culturas no agro, mas é preciso antecipar os riscos e, inclusive, subsidiar melhores dados para o manejo”, explica o meteorologista e professor da UFSM, Vágner Anabor.

Ele é um dos integrantes do comitê científico formado no Estado. No município que conta com quase 40 mil habitantes envolvidos no mundo acadêmico, de oito universidades e faculdades, a produção de conhecimento está entre os seus produtos mais valiosos e representa algumas das melhores

oportunidades na região. A estimativa, por exemplo, é de que 25% dos meteorologistas do Brasil são formados entre Santa Maria e Pelotas. No entanto, somente 20 destes profissionais estão atuando em estruturas públicas gaúchas atualmente – três vinculados ao Estado.

De acordo com Anabor, o centro de referência sugerido aos governos estadual e federal deveria contar com pelo menos 20 profissionais das áreas que atuam na climatologia, com capacidade para fazer avaliações regionais e microrregionais no Estado.

“Santa Maria tem capacidade para ser uma referência nacional na avaliação de tempestades. A unidade do Inpe já tem equipamentos e a área pronta, estruturada”, explica o meteorologista.

Estrutura de alerta a eventos meteorológicos em Lajeado

Em outubro, o governo estadual confirmou que se movimenta para estruturar um centro regional, mas com características de Defesa Civil, alerta e resposta a eventos climáticos extremos, em Lajeado. A ideia, que faz parte do Plano Rio Grande, é alugar ou erguer uma estrutura que contemple salas de situação, com telas para monitoramento e radares meteorológicos, que auxiliem na prevenção e atendimento de fenômenos, como a enchente de maio. O plano também é dar condições para a operação

de um gabinete de crise e para recepção de prefeitos, autoridades e equipes que precisem se deslocar para acompanhar eventos meteorológicos.

Conforme o governo, o Centro Regional de Gestão de Risco e Desastres deve ser inaugurado ainda em 2025. Em Lajeado, já há um Centro de Informações Hidrometeorológicas (CIH), mantido pela Univates, que monitora as condições meteorológicas no Vale do Taquari e o comportamento hidrológico do rio Taquari e de seus afluentes.

Fator decisivo nos negócios

É a interferência do clima, por exemplo, que faz com que indústrias produtoras de chocolate como a Neugebauer estejam mobilizadas para encontrar alternativas, como o plantio de cacau no Brasil. Uma crise climática na África provocou o aumento nos preços da matéria-prima, e a consequência já está no preço dos chocolates. “A previsibilidade dos efeitos climáticos hoje é estratégica. Com a quebra histórica da safra de cacau na África, a produção do chocolate sofre os impactos. Precisamos buscar alternativas a longo prazo, com o incentivo à produção de cacau brasileiro. Há dois anos foi a seca”, comenta o diretor

de operações da Neugebauer, Rogério Martins.

Fenômeno semelhante enfrentou a Florestal, e a produção de balas e pirulitos. Uma seca no rio Mississipi fez os fretes de milho norte-americano subirem, assim como o valor da glucose, base dos doces. “A informação sobre os eventos e os efeitos do clima se torna um ativo muito importante no momento de fazer a estratégia de negócios”, aponta o CEO da empresa, Maurício Weiland.

No caso da faixa central do RS, o domínio desses dados é valioso. “Estamos em um cinturão de baixas pressões, que potencializam tempestades”, detalha Vágner Anabor, da UFSM.

Clima e a economia das regiões

- 23 municípios (25% do total) entre as regiões Central, Jacuí Centro e Vales do Jaguari, Taquari e Rio Pardo tiveram situação de calamidade decretada em maio.
- Entre 2023 e 2024, foram 108 pessoas mortas nas enxurradas nesta faixa do Estado. Entre os municípios de Roca Sales, Cruzeiro do Sul e Muçum, foram 59 vítimas.
- Se forem consideradas as economias em calamidade, 57,3% do PIB local foi afetado diretamente, no caso do Vale do Taquari, 76,2%.
- Levantamento do governo estadual, com as cheias de 2023, apontou perdas de R\$ 420 milhões na economia do Vale do Taquari.
- Projeção da Unisinos estimou redução de 13% no ritmo da economia do Vale do Taquari entre maio e agosto deste ano.

Reportagem Especial

Na crise, indústrias de bebidas criam oportunidades

Produção seguiu avançando, mesmo com a catástrofe climática que atingiu o Rio Grande do Sul

Produzir bebidas é uma tradição da faixa central do Rio Grande do Sul. E foi este peso histórico que levou um grupo de três empresários de Santa Maria a recuperarem a produção da Cyrilla há quatro anos.

Para quem não sabe, o guaraná produzido na cidade da Região Central foi o primeiro do Brasil, em 1906. Em 2005, porém, a empresa faliu, e três anos depois os empreendedores iniciaram o projeto de retomada, que se concretizou em 2018 para, dois anos depois, reiniciar a produção.

“Compramos o terreno e a marca em leilão, e retomamos do zero, construindo uma nova fábrica, moderna. Hoje, estamos trabalhando na conquista de mercado, primeiro, apostando na faixa que vai de Santa Maria em direção à Fronteira Oeste, mas em breve queremos estar nos mercados da Região Metropolitana e Litoral. A nossa aposta está no tripé de qualidade de fornecedores, produção e entrega. Produto diferenciado e de qualidade, nós temos”, diz um dos sócios da Cyrilla, Luiz Antônio Marchezan Bagolin.

Além do guaraná, saem de Santa Maria a Cyrillinha, que é a bebida, também única, produzida a partir do óleo essencial da casca de laranja. Em breve, em busca das oportunidades de crescimento, a empresa que hoje tem 30 funcionários espera ter a licença de operação para a produção de água mineral.

Essa tradição, que agora impulsiona oportunidades na retomada, ganha ainda mais força no Vale do Taquari. A Fruki Bebidas é uma das empresas da região que apontam a oportunidade de crescimento futuro. Depois de abrir o ano produzindo em sua segunda fábrica, em Paverama, além da

matriz, em Lajeado, em agosto, a empresa anunciou a antecipação do seu plano de expansão a produção, com aporte de R\$ 130 milhões. Cada uma das fábricas receberá uma nova linha de envase.

Em Paverama, a nova linha produzirá os SKUs (rótulos) 500 ml, 2 litros e 3 litros, com um aumento de 14 mil metros quadrados de área construída na nova fábrica. Já em Lajeado, haverá uma nova linha de envase para produtos 5 litros, com capacidade de produção de 5 mil garrafas por hora. A perspectiva é de que as produções ampliadas estejam a pleno no início de 2026.

De acordo com a diretora-presidente da Fruki, Aline Eggers, o investimento é resultado do planejamento de expansão pelos próximos 10 anos, que inclui até mesmo a produção em suas estruturas para terceiros. “O que oferecemos em Paverama, além de uma oportunidade de empregos e de manutenção de recursos na região, com novos negócios, é uma evolução industrial que faz a diferença no mercado. Nesta nova planta, conseguimos gerar uma redução de 30% no consumo de energia por litro de bebida produzida, da mesma forma, há redução de 50% no desperdício de água no processo, além do ciclo fechado no tratamento de efluentes, que retorna como água para uso interno, nos nossos processos. Em relação aos produtos, também evoluímos, por exemplo, com o desenvolvimento de garrafas PET mais leves, que reduzem o consumo de plásticos em 10%”, conta a empresária.

Segundo ela, no momento de construir essa planta em Paverama, fatores como vendáveis, cheias e novas técnicas construtivas estiveram na pauta. A segurança fez a diferença no momento mais crítico das cheias. Partiam da fábrica da Fruki milhões de litros de água potável, em uma adaptação das suas linhas de produção para aquela situação, em direção às regiões mais atingidas.



O primeiro guaraná brasileiro está de volta e com planos ambiciosos de expansão nos próximos anos

Uma cadeia de colaboração que também fortaleceu empresas em crescimento no setor.

A partir da cervejaria da Salva Craft Beer, às margens da BR-386, em Bom Retiro do Sul, por exemplo, passaram a ser produzidas cervejas de outras quatro microcervejarias gaúchas, principalmente da Região Metropolitana de Porto Alegre, que haviam sido diretamente impactadas pela cheia.

“Na semana anterior à enchente, estávamos na Copa Sul-Americana de cervejas, fomos premiados e, quando voltamos, de um dia para o outro, tudo alagou. Não fomos atingidos e, com um gerador, conseguimos salvar quase tudo. Então começamos a fazer esse contato com outras cervejarias, porque, no final das contas, todo o setor acabaria prejudicado por uma quebra na produção. Eles traziam o insumo e usavam as nossas instalações. O último lote saiu em setembro”, conta o diretor de marketing da Salva, Marcus Outemane.

Não foi a primeira vez que a empresa mobilizou-se diante de uma emergência. No auge da pandemia, as máquinas foram usadas para produzir álcool líquido. Em setembro, a Salva completou oito anos, com capacidade de produção de até 500 mil litros de cerveja por mês em sua planta em Bom Retiro do Sul.

Há dois anos, a empresa foi apontada pela Receita Estadual como a maior microcervejaria do Rio Grande do Sul. Com 80 funcionários, tradicionalmente, metade das vendas



Após a enchente, a Salva Cervejaria apostou no mercado catarinense

da cervejaria é feita no próprio Vale do Taquari. O cenário da calamidade fez a empresa antecipar alguns passos no seu plano de investimentos de crescimento no mercado. Trataram de avançar em direção a Santa Catarina e aumentar a presença em redes de varejo. A cerveja Bairrista, por exemplo, hoje responde por 80% da produção.

“Em agosto, conseguimos empatar novamente os números das vendas. Tínhamos a previsão, neste ano, de crescer, e vínhamos conseguindo mês a mês bons resultados, com a intenção de estreitar a

curva entre as vendas de inverno e verão. E aí aconteceu isso. Aqui no Vale, onde temos muita identificação, muitos vendedores perderam tudo. Não tinha o quê nem para quem vender na região. A expansão, que estava nos nossos planos para mais adiante, precisou ser antecipada. Não podíamos parar a produção e comprometer as 80 pessoas que trabalham conosco”, explica o diretor.

E não é que, já em setembro, os cervejeiros do Vale do Taquari trouxeram de Florianópolis mais uma coleção de reconhecimentos. Foram seis premiações na Brasil Beer Cup.

Vale dos alimentos e bebidas

■ O Vale do Taquari concentra 1,2 mil empresas de alimentos e bebidas. São 50 empresas participantes do Arranjo Produtivo Local (APL) do setor, com uma estimativa de R\$ 40

milhões em prejuízos na cheia. ■ O chamado Vale do Doce concentra pelo menos 18 empresas entre 7 municípios, com produções de balas, refrigerantes, chocolates, sorvetes e doce de leite.

Reportagem Especial

Centro do Estado
e Vales vêm
com força para
a retomada

Indústrias do setor de doces mantêm operações e abrem novos mercados no exterior

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Em setembro, a Docile, fabricante de doces de Lajeado, no Vale do Taquari, enviou a sua quarta carga de exportações para a China, em um movimento iniciado em março deste ano e que, mesmo com a tragédia que atingiu o Rio Grande do Sul em maio, não recuou. A China é o maior mercado consumidor em praticamente todos os setores econômicos no mundo, mas é raro que os chineses importem *candies*. Pois agora, se tornou mais uma porta aberta pela empresa que hoje é a maior exportadora brasileira do setor.

A Docile destina 30% da sua produção ao mercado externo. Um prestígio que, juntamente com as demais empresas da região no setor de alimentos e bebidas, especialmente de doces, simboliza uma das principais forças na retomada da economia regional após três grandes cheias entre setembro de 2023 e maio deste ano.

“Nossa estrutura não foi impactada em maio, mas tivemos

180 funcionários diretamente atingidos. Durante pelo menos cinco dias, não recebemos nem despachamos nada. Ficamos, como toda a região, isolados. Além de prestarmos todo o nosso apoio à comunidade, sempre tivemos consciência do nosso papel neste momento. É com o fortalecimento da nossa produção, e com as exportações, que garantimos a atração de recursos para a região. E são valores que ficam aqui, fortalecendo o comércio e os serviços locais”, diz um dos sócios-proprietários, Fernando Heineck.

Conforme o empresário, neste momento, é a valorização da localidade que tem garantido ainda mais portas abertas no exterior. Foi assim, como lembra, a aproximação com um dos parceiros comerciais da Docile, da Inglaterra. “Ele não conhecia o Brasil, e nós fizemos questão de trazê-lo para conhecer a nossa fábrica, as pessoas que produzem os nossos doces, e ele saiu daqui encantado. Nós fazemos questão de transmitir os nossos valores a todos que conhecem o nosso produto”, conta.

Entre 2020 e 2021 – o ano mais recente do levantamento dos PIBs municipais pelo IBGE – as regiões Central, Jacuí Centro, Vales do Jaguari, do Rio Pardo e do Taquari experimentaram uma

Município de Lajeado atrai investimentos, mesmo após a tragédia climática deste ano

Lajeado não é uma ilha em meio à tragédia que teve a faixa central do Estado – principalmente quando se consideram também as cheias do ano passado – como um dos seus epicentros. O município está entre os 23 das regiões Central, Jacuí Centro, Vales do Jaguari, Taquari e Rio Pardo que tiveram situação de calamidade decretada em maio. Foram cinco vítimas fatais entre 2023 e 2024 em Lajeado. Ao todo, as regiões contabilizam 108 mortes causadas pelas enxurradas destes dois anos. Do ponto de vista econômico, a calamidade afetou de alguma

maneira 57,3% do PIB das regiões retratadas neste Mapa Econômico. Somente no Vale do Taquari, os municípios em calamidade representam 76,2% do PIB regional. Levantamento do governo estadual, em 2023, apontou perdas de R\$ 420 milhões na economia do Vale do Taquari.

Um estudo da Unisinos apontou que, como resultado dos estragos, Lajeado teve perda superior a R\$ 73 milhões em renda entre maio e agosto deste ano. Em todo o Vale do Taquari, o estudo projetou redução de 13% na atividade econômica a



Lajeado teve perda superior a R\$ 73 milhões em renda entre maio e agosto deste ano, conforme estudo



Aline Eggers defende agilidade nas linhas de crédito e revisão de gargalos

alta somada entre os 93 municípios, de 62% no PIB. Ainda assim, as regiões representavam em 2021 a menor fatia de participação no PIB do Rio Grande do Sul – 12,09%, ou 2,6 pontos percentuais a mais do que em 2020 – algo que, ainda sem dados concretos, pode ser ainda mais prejudicado pelos eventos climáticos de 2023 e 2024.

A chegada da Docile ao mercado da China, que entra na lista de 80 países para os quais a empresa envia os seus doces atualmente – seja como *private label*, produzindo para marcas daqueles países, ou com suas marcas próprias –, por exemplo, foi mais uma etapa do crescimento da marca gaúcha que, neste ano, deu o seu passo mais ousado

nesta direção. Justamente enquanto atuava no Vale do Taquari no fomento da economia e da auto-estima dos trabalhadores locais, em Paris, durante os Jogos Olímpicos, a Docile estava presente como uma das marcas patrocinadoras do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Ainda não há a aferição dos resultados mercadológicos desta ação, mas o impacto, garante Heineck, foi muito positivo.

No caso da Docile, que produz atualmente 210 toneladas diárias de *candies*, foram mantidos os planos de investimento de R\$ 40 milhões este ano – R\$ 100 milhões entre 2023 e 2024 – em melhorias na fábrica e ampliação da produção. Até o primeiro trimestre de 2025, estima Fernando Heineck, a fábrica terá ampliado a sua capacidade de produção para 300 toneladas por dia. Com faturamento de R\$ 750 milhões em 2023, a empresa projetada, talvez já para 2025, chegar a R\$ 1 bilhão de faturamento.

da Fruki Bebidas.

Levantamento do Sebrae aponta que, somente no Vale do Taquari, são 1,2 mil empresas de alimentos e bebidas, que geram mais de 16 mil empregos. Os dados reforçam, de acordo com Aline, a necessidade de estimular a permanência desses empreendimentos – e dos empregos – na região. No Congresso já é debatida uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC), por exemplo, que criaria uma zona franca no Vale do Taquari, como forma de incentivar a permanência e a atração de investimentos para a região.

produz alimentos é rápida e fundamental para a economia local.

“Foram quatro enchentes em um intervalo de oito meses. Muitos foram atingidos, e ainda trabalham para se recuperar, em mais de uma dessas cheias. Mas é um setor que tem muito a oferecer, da produção aos empregos, porque este é essencial para a região e para todo o Estado. Por isso, é urgente nesta retomada maior agilidade de linhas de crédito e de revisão de gargalos logísticos. É fundamental discutir investimentos em novas pontes, estradas e rotas”, diz Aline, que também é diretora-presidente

PREFEITURA DE LAJEADO/DIVULGAÇÃO/JC

VINI DALLAROSA/DIVULGAÇÃO/JC

Reportagem Especial

Novas linhas de produção têm inovação com sustentabilidade

Investimentos na indústria preveem redução na geração de resíduos e melhor aproveitamento de água

Quem resiste, segue investindo na região. É o caso da Florestal, que também produz doces em Lajeado, e deve iniciar a operação de novas linhas em sua fábrica neste último trimestre do ano.

E a Sorvebom, que produz sorvetes e picolés, mesmo tendo uma das suas lojas em Lajeado parcialmente atingida

pela cheia e com as perdas de varejistas parceiros, não retrocedeu nos planos para este ano e na sua convicção de produzir com sustentabilidade.

“O nosso produto leva felicidade para as pessoas. E esse conceito, principalmente quando vivemos eventos climáticos como esses, desde o ano passado, precisa estar em todos os nossos passos. Desde o design das embalagens e da nossa marca, até a produção. Hoje somos uma empresa exemplar no País pela estrutura sustentável e renovada que temos. O nosso efluente industrial, por exemplo, é tratado com biofiltro, com o uso de minhocas.



Sorvebom, que produz sorvetes e picolés, aposta em ações como logística reversa e captação de água da chuva

Temos uma capacidade de armazenagem de até 100 mil litros de água da chuva, que é usada na refrigeração das máquinas. E temos ainda a logística reversa como um compromisso nosso e de todos os nossos fornecedores”, explica o proprietário da Sorvebom,

Martin Eckhardt.

Em um setor que experimenta crescimento, conforme a Associação Gaúcha das Indústrias de Gelados e Afins (Agagel), acima de 10% desde 2022, a Sorvebom, que chega a produzir 20 mil litros de sorvete por dia no período do

verão, ampliou em até 40% a sua capacidade de produção somente com uma mudança no layout das suas linhas de produção na fábrica. No verão, a empresa do Vale do Taquari deverá ter em operação a sua segunda franquia no Litoral Norte.

Colaborações são novas oportunidades

Entre os novos produtos lançados pela Sorvebom este ano, há um aspecto que aponta para uma tendência fortalecida ainda mais neste momento de recuperação da economia gaúcha: as colaborações. A empresa de Lajeado lançou o sorvete da linha Mu-Mu, em colaboração com a Neugebauer, que produz o tradicional doce de leite gaúcho em Arroio do Meio.

A ideia, conta Martins Eckhardt, surgiu no núcleo de pesquisa e desenvolvimento da Sorvebom. Ali foram iniciados os testes para que a combinação, de fato, caísse no gosto do consumidor. “Vendemos tanto que, nos dois primeiros meses da colaboração, terminaram as embalagens. O melhor de tudo é que o produto tem alta qualidade e uma dupla marca do Vale do Taquari com muita credibilidade. Foi uma parceria que também abriu a possibilidade para novas colaborações”, conta o empresário.

A Neugebauer avança em outras colaborações. É o caso dos recém-lançados hidratante labial, balm e creme para mãos com as marcas Stikadinho, Napolitano e Bibs, com a rede Panvel em suas farmácias em todo o Sul do Brasil e em São Paulo.

Lançado em agosto, o projeto com o Stikadinho resultou no aumento de 77,9% nas vendas do chocolate e em uma alta de 163% nas vendas de protetores labiais pela Panvel. A empresa, líder em chocolates no Rio Grande do Sul, e entre as cinco marcas mais consumidas de chocolates em barra e bombons entre o Sudeste e o Nordeste do Brasil, também já havia experimentado uma colaboração com a Mu-Mu em relação aos wafers da M. Dias Branco, que produz na Serra.

“Este é um período de recuperação não só do Vale do Taquari, mas de todo o Rio Grande do Sul. A Neugebauer, com mais de 130 anos e com berço em solo gaúcho, vai buscar auxiliar em tudo que estiver ao seu alcance neste momento. Sabemos que este processo de recuperação também será econômico. Precisamos que a geração de emprego continue e que as cidades atingidas se fortaleçam. Empresas do Estado serão vitais para esta retomada da região e de todo o Rio Grande do Sul”, diz o presidente da Neugebauer, Ricardo Vontobel.

As instalações da indústria em Arroio do Meio não foram atingidas, mas os obstáculos

logísticos, com o quase isolamento do município impuseram desafios, com a renegociação de prazos com fornecedores e com a distribuição, além de atrasar um pouco o cronograma de ativação do principal investimento da Neugebauer neste ano, com R\$ 65 milhões na ampliação, com equipamentos mais modernos, da produção de massas para chocolates. Das atuais 35 mil toneladas produzidas por ano, há perspectiva de chegar a 55 mil. Em 2023, outra parte dos aportes de R\$ 150 milhões em dois anos já havia sido aplicada para duplicar a capacidade de produção de barras de chocolate em Arroio do Meio. E este plano tem resultado em pelo menos 100 novos funcionários na fábrica nestes dois últimos anos.

De acordo com diretor financeiro e de operações da empresa, Rogério Martins, entre as metas da Neugebauer está a consolidação ainda maior no Sudeste do Brasil. Conforme Vontobel, todo o esforço da empresa está na manutenção das metas estabelecidas para 2024, com a perspectiva de passar de R\$ 1 bilhão de faturamento, com um crescimento no faturamento de 20% em relação ao ano passado.

“É uma expansão muito consciente e valorizando a relevância da Neugebauer no Vale do Taquari. Migramos para Arroio do Meio em 2014, herdando uma estrutura fabril que já tinha essa identidade muito forte. Fazemos questão de manter este DNA daqui na nossa produção”, explica Martins.

Logo após as cheias de maio, por exemplo, os produtos da Neugebauer passaram a estampar um QR Code para doações ao Rio Grande do Sul, além da bandeira gaúcha como um símbolo das ações de apoio à comunidade na reconstrução.



Vontobel celebra resultado das parcerias com grandes marcas

Força das marcas das Regiões Central e Vales

- Cotrisel: 4º marca preferida no País com o Arroz Sepé
- Neugebauer: 3º marca preferida em chocolate em barra na Região Sudeste, 5ª marca de bombons com o Amor Carioca no Nordeste
- Docile: maior exportadora de *candies* do Brasil
- Madrugada: 5ª marca de chás na Região Sul
- Prinz: 5ª marca de vinagres na Região Sul
- Fruki: 3ª e 4ª marcas de água mineral com Da Pedra e Água da Pedra na Região Sul

- Coca-Cola: 1º lugar de refrigerantes na Região Sul (tem produção em Santa Maria)
- Girando Sol: entre as cinco marcas preferidas da Região Sul em alvejantes, amaciantes de roupas, desodorizador sanitário, detergente líquido, sabão em pó, sabão líquido para roupas
- Gota Limpa: entre as cinco marcas preferidas da Região Sul em alvejantes e sabão líquido para roupas

PANORAMA

Mapa mostra diversidade de oportunidades para a economia das Regiões Central, Vales e Jacuí Centro

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Conheça 15 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul.

1. INDÚSTRIA DE ALIMENTOS E BEBIDAS


A produção industrial de alimentos e bebidas está entre as principais vocações da região. Somente no Vale do Taquari, levantamento do Sebrae aponta que há 1,2 mil empresas destes setores, gerando 16 mil empregos. Mas também há indústrias expoentes no Vale do Rio Pardo e na Região Central. A produção de doces é destacada. No momento da retomada da economia na região, as oportunidades de negócios e investimentos naturalmente convergem para o setor, que não parou sua produção e evolui nas exportações e no mercado nacional.

2. PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA


Santa Maria é considerada uma cidade universitária. Até 40 mil moradores têm relação direta com a vida acadêmica. Juntamente com os demais municípios que são referências na região, a exportação de conhecimento, especialmente no momento de crise climática, torna-se um ativo e uma oportunidade. A UFSM, por exemplo, tem especialistas que são referência em climatologia, estudos de solo e agricultura de precisão. Além de Santa Maria, Lajeado, Santa Cruz do Sul e Santiago contam com polos tecnológicos e campi de universidades na região, bem como estudos liderados por instituições como a Embrapa.

3. PRODUÇÃO FUMAGEIRA TIPO EXPORTAÇÃO


A produção de tabaco e dos seus derivados é responsável direta pelo protagonismo de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, os dois principais municípios do Vale do Rio Pardo, entre os 10 maiores municípios exportadores gaúchos. Mais de 90% da produção gaúcha é destinada ao mercado externo, que segue aquecido. Somados, os dois municípios exportaram US\$1,5 bilhão até setembro deste ano. A valorização tem criado oportunidades de avanços em sustentabilidade desde o campo até as indústrias do setor, que já contribuem para que o Vale do Rio Pardo esteja entre os maiores índices de captura e neutralização de gases do efeito estufa no Rio Grande do Sul.

4. POTENCIAL DA INDÚSTRIA QUÍMICA


Da produção dos princípios ativos fundamentais aos defensivos agrícolas que garantem o sucesso da soja no Brasil, à fabricação e reconhecimento nacional e internacional da qualidade de produtos de limpeza mais sustentáveis, passando pela garantia da economia circular à cadeia da proteína animal e até pelo setor da beleza, as indústrias químicas representam um dos principais potenciais da região, com atração de investimentos para os próximos anos.

5. USINA DE ETANOL E O ESTÍMULO AO TRIGO


Sai do papel, com previsão de inauguração em dezembro, a primeira usina de produção de álcool a partir do trigo, em Santiago. O projeto da CB Bioenergia torna-se um estímulo à produção do trigo e triticale na região e dialoga com o setor de produção de bebidas, que tem destaque na região. Isso porque a produção, que também será destinada à cadeia de biocombustível, terá como prioridade o fornecimento de álcool e de CO₂ para a fabricação de bebidas.

7. SETOR ARROZEIRO INVESTE ALTO


Estão justamente entre as regiões Jacuí Centro e Central as maiores perdas em lavouras de arroz no Rio Grande do Sul após a cheia de maio. Ainda assim, o setor segue apostando na qualidade do produto e no avanço das técnicas de manejo para manter a alta produtividade e o reconhecimento nacional à produção local. As cooperativas arroseiras seguem investindo em ampliações industriais e de produção.


6. O CINTURÃO DA SOJA


O avanço da produção da soja na faixa central do Rio Grande do Sul é diretamente responsável pelo salto nos números da economia dos municípios onde há os maiores plantios. Uma cadeia que estimula também a industrialização e a exportação do produto. Cachoeira do Sul, a partir da operação da Cargill, iniciada no final do ano passado, viu quadruplicar o volume de exportações do município. O grão também tem em municípios como Santa Maria uma plataforma rumo ao exterior.

8. INOVAÇÕES NAS CULTURAS DA ERVA-MATE E NOZ-PECÃ

Investimentos em manejo e desenvolvimento genético surgem como grande oportunidade para o fortalecimento das culturas da erva-mate e da noz-pecã, após os prejuízos provocados pelas cheias. Ambos os setores têm pela frente o desafio de se firmarem no cenário internacional.

9. CADEIA COMPLETA DA PROTEÍNA ANIMAL

Dentro do potencial de produção de alimentos da região, a cadeia de proteína animal é um dos setores marcantes na economia regional, especialmente com a atuação de cooperativas e, mais recentemente, com a entrada de multinacionais em frigoríficos. São produções que garantem uma fatia importante das exportações gaúchas aos municípios da região. Mesmo com os prejuízos provocados pelas cheias, por exemplo, a suinocultura vem em crescimento, a avicultura – também contabilizando as perdas – recupera a infraestrutura local, a produção de leite tem destaque como a segunda região mais importante para o setor no Estado e, entre os bovinos de corte, a região aponta para o mercado a oportunidade de produção de animais de alta genética criados de maneira 100% orgânica.

10. APICULTURA DO VALE DO JAGUARI

Saem do Vale do Jaguari 10% do mel produzido no Rio Grande do Sul. A expectativa é de que até o final do próximo ano a região possa ter o reconhecimento com um selo de procedência do mel produzido pelos apicultores da região. O fortalecimento do setor em meio ao cenário onde a soja tem um dos seus terrenos mais férteis tem sido um importante aliado para o avanço de medidas mais sustentáveis na lavoura, em favor das abelhas, inclusive com a entrada da cultura da canola na região. Avança também a produção de derivados do mel, como bebidas e cosméticos.

11. O AVANÇO DA SILVICULTURA NA REGIÃO CENTRAL

Com o fortalecimento da indústria moveleira no Rio Grande do Sul, e os novos investimentos em celulose, a produção do setor florestal ganha fôlego na faixa central do Estado. Em Taquari, por exemplo, há uma das principais produções, pela Dexco, de painéis em MDP que abastecem o polo moveleiro, assim como em Venâncio Aires, com a produção da Haas. No Vale do Taquari, há os municípios com maior percentual de florestas plantadas em relação à área territorial, e projetos silvopastoris na Região Central têm sido um dos alicerces para uma pecuária mais sustentável.

12. UMA JANELA PARA O SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Reconstruir sob novos parâmetros as regiões, especialmente no Vale do Taquari, devastadas pela cheia são um desafio para o setor da construção, que começa a aquecer meses depois das enchentes, assim como o mercado da habitação relacionado às migrações de moradores dentro da própria região.

13. INVESTIMENTOS NO SETOR ELÉTRICO

O risco de colapso representado pelas cheias na região aceleram os investimentos em geração e transmissão de energia como um avanço estratégico na região que não pode ter sua economia isolada do restante do Estado. Somente entre projetos para novas usinas, linhas de transmissão e subestações, atualmente estão em fase de licenciamento projetos que devem injetar mais de R\$ 800 milhões entre as regiões Central e Vale do Taquari. A partir dos mananciais da região, já operam nove usinas, que também demandam investimentos em engenharia para revisão de parâmetros técnicos após os eventos climáticos extremos.

14. INFRAESTRUTURA E O POTENCIAL LOGÍSTICO

Geograficamente, a faixa central do Rio Grande do Sul é uma referência logística. Mesmo com os estragos provocados pelas cheias de 2023 e 2024, as duplicações de eixos importantes para a região, como a BR-386 e a RSC-287, saem do papel, assim como aumenta a perspectiva de que a BR-392, entre o Centro e o Noroeste do Estado, torne-se realidade. No rastro da concretização de projetos de infraestrutura, investimentos privados e centros de distribuição e de logística multiplicam-se em locais como Santa Maria e Estrela, que estima movimentar R\$ 1 bilhão em investimentos em 10 anos, e surgem como oportunidades para maior aquecimento da economia local. Há ainda os avanços de projetos que podem retomar a hidrovia pelo Rio Taquari, o fortalecimento da ferrovia que cruza a Região Central e até mesmo os aeroportos regionais.

15. RETOMADA DO TURISMO

Entidades que unem os setores do turismo nos Vales do Taquari e do Rio Pardo mobilizam-se em campanhas de atração aos turistas de volta às regiões, que já estão reestruturadas e prontas a atrair os visitantes. É o caso do Cristo Protetor, em Encantado, que tem importante papel na criação de oportunidades aos setores do comércio e serviço da região. A partir das cheias, também aumentou o interesse científico em pesquisas paleontológicas desenvolvidas na região do Geoparque da Quarta Colônia. Na região, já foram catalogados fósseis de 26 novas espécies.



Reportagem Especial

Retomada aquece setor da construção civil

Região duramente afetada pelas enchentes, Vale do Taquari passa por transformação, com novas áreas ocupadas

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Após a tragédia, o setor da construção está aquecido, especialmente entre os municípios do Vale do Taquari. Mas, segundo o vice-presidente do Sindicato das Indústrias da Construção, Mobiliário, Marcenarias, Olarias e Cerâmicas do Vale do Taquari (Sinduscom-VT), Daniel Bergesch, ainda não é possível definir um aspecto específico que esteja guiando este movimento no mercado.

“Se em Lajeado, que é uma referência na região e uma cidade bastante densa, estamos observando uma alta procura por imóveis prontos para alugar, e algum movimento para construção em novos bairros, em Arroio do Meio há aumento na procura e venda por terrenos para construções de novos loteamentos. Em Estrela, há muitas áreas que antes tinham perfil rural e que agora, após a cheia, aceleram neste processo de urbanização provocada pela migração interna, mas possivelmente Teutônia seja o município da região que mais se transformará por esse fluxo construtivo”, diz Bergesch.

Com a segunda maior população do Vale do Taquari, com 32,7 mil habitantes, o município viveu um crescimento de 20% na sua população entre 2010 e 2022. Índice abaixo dos quase 30% de aumento populacional de Lajeado, mas com uma realidade de maior segurança em relação às cheias do Rio Taquari.

Um caso diferente, confirma o dirigente do setor, é o de Cruzeiro do Sul. “Era uma localidade estagnada do ponto de vista construtivo. Agora, com tudo o que aconteceu, há uma procura intensa para apresentação de projetos em áreas onde, até então, ninguém tinha interesse. Isso provoca um aquecimento no setor em toda a região”, explica Daniel Bergesch.

E para lá diversas empresas da área da construção têm direcionado as atenções entre a intenção de investimentos próprios, o aguardo de recursos públicos para obras de infraestrutura e o oferecimento de doações para reerguer escolas e estruturas básicas na reconstrução do município devastado.

“Na história, muitas vezes se fez novas cidades, seja por obras, como barragens, ou por pressão ambiental. Quando os locais já se mostraram como ponto de traçado de um rio, não adianta investir outra vez. Cada vez mais, o planejamento urbano e a construção precisam estar ligados ao conceito

de equilíbrio ecológico. É preciso pensar em reconstruir, mas reconstruir de maneira diferente, respeitando, por exemplo, áreas de preservação, que são fundamentais neste novo conceito de cidade em um ambiente de extremos climáticos”, aponta o arquiteto especialista em planejamento urbano e professor da UFSM, Édson Bortoluzzi. Segundo ele, os prognósticos mostram que não somente em casos extremos, como em Cruzeiro do Sul, este novo planejamento das cidades precisa ser executado, mas em todas as regiões desta faixa central do Estado, apontadas como mais propícias a eventos como tempestades no futuro.

“As cidades precisam ter cada vez mais áreas livres de edificações e permeáveis, como parte de todo o seu sistema hídrico. São áreas que permitem à cidade amortecer os efeitos de cheias e, inclusive, gerarem sistemas de captação dessa água. O conjunto de áreas verdes, como parques urbanos e áreas de preservação, precisam ser bem trabalhados e valorizados, com sustentabilidade. E quando se fala em sustentabilidade no planejamento urbano, estamos falando de sustentabilidade ambiental, econômica e social. Uma cidade sustentável e resiliente é menos desigual e é economicamente viável a todos”, avalia Bortoluzzi.

Construtora Jobim puxa setor em Santa Maria com novos projetos

CONSTRUTORA JOBIM/DIVULGAÇÃO/JC



Maquete eletrônica mostra projeto da empresa na cidade

Em Santa Maria, uma das principais construtoras do Estado – a segunda na preferência da pesquisa Marcas de Quem Decide em 2024 –, a Jobim atua em pelo menos duas frentes que dão uma boa amostra do aquecimento da construção civil na região.

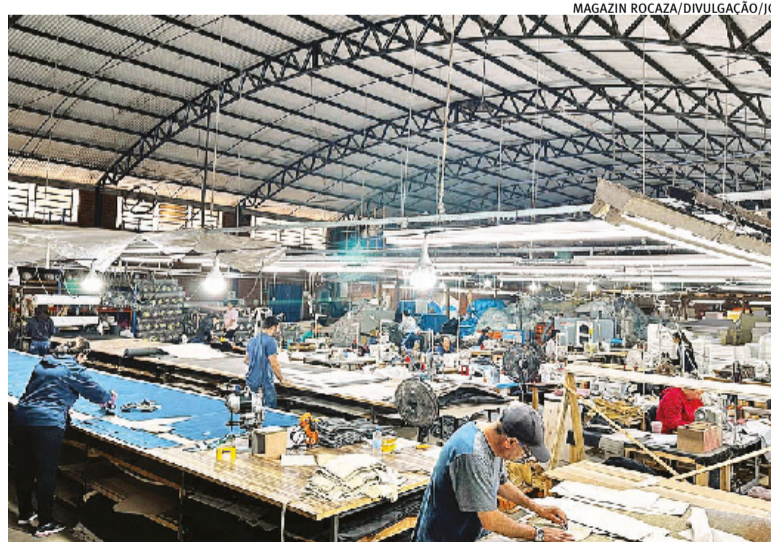
Por um lado, a construtora investe R\$ 300 milhões para erguer as duas torres do chamado Amaiivos, que estarão entre os maiores prédios do Rio Grande do Sul, na avenida Nossa Senhora Medianeira. Será o maior projeto multiuso do Interior. Serão 899 unidades residenciais, 100 lojas, 115 offices e 567 vagas para estacionamento entre as duas

torres que inauguram este conceito vertical na região.

Por outro lado, na avenida Rio Branco, a Construtora Jobim terá papel marcante da revitalização do centro histórico de Santa Maria, com o projeto denominado Maria com Amor. Lá, o conceito também será de multiuso, com a revitalização de um prédio importante da região.

Uma das mais atuantes construtoras da Região Central, a Jobim completa 30 anos em 2024 e acumula 128,9 mil metros quadrados de área construída e mais de 2,8 mil unidades habitacionais e comerciais entregues somente em Santa Maria.

Reconstrução fortalece a indústria moveleira devido ao fluxo migratório da população



Fábrica da Magazin Sofás, em Roca Sales, emprega 80 funcionários

A necessidade de preparação das cidades é reforçada quando levado em consideração o fluxo migratório, ainda sem números precisos, forçado pelos eventos climáticos extremos. Em Lajeado, houve alta de 28% na movimentação de transferências de imóveis até agosto em comparação com o mesmo período do ano passado. De acordo com o Sindicato Patronal da Habitação, no município, que é como uma capital do Vale do Taquari, há uma forte alta nas locações.

Se cidades como Lajeado, Santa Cruz do Sul ou Santa Maria, as maiores das regiões

retratadas neste Mapa Econômico refletem a ponta que recebe quem deixa as áreas atingidas pelas cheias, na outra ponta estão empresários como Marcos Bonzanini, que comanda a Magazin Sofás, em Roca Sales. Em uma retomada com muita força, pelo aumento do consumo de móveis e artigos domésticos no Rio Grande do Sul, ele até projetou abrir um terceiro turno de produção para dar conta da demanda, mas desistiu por falta de mão de obra no município.

Em Roca Sales, foram perdidas 25 vidas entre as cheias destes dois últimos anos – o maior

número de vítimas. No parque fabril, que foi salvo da enchente, onde a empresa produz estofados, poltronas e cadeiras, com a marca Rocaza, são 80 funcionários.

“Depois da cheia de setembro, muitas pessoas foram embora e depois voltaram. Agora, quem saiu não voltou mais”, conta Bonzanini. A atividade da empresa tem sido um dos pilares da recuperação econômica local. É que os assentos respondem por mais de 80% das exportações do pequeno município de 10,4 mil habitantes no Vale do Taquari.

Reportagem Especial

Santa Maria quer ser referência em inovação

Município com maior população na Região Central do Rio Grande do Sul busca fomentar empreendedorismo

Colocar Santa Maria no mapa do mundo dos negócios é uma prioridade no município, que já faz parte do cadastro da rede de cidades do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Representantes locais reuniram-se neste ano com autoridades comerciais da América Latina e da Europa, apresentando as vantagens da cidade.

Recentemente, também foi formada a primeira turma de negócios com empreendedores locais com interesse em exportar. Era prevista para o segundo semestre deste ano a visita a Santa Maria de uma comitiva do banco internacional.

De acordo com o governo municipal, a produção de pesquisas e de conhecimento é um capital valioso no município, e que precisa conversar com a posição estratégica de Santa Maria no coração do Estado e resultar em atração de investimentos. Hoje, 80% do PIB do município concentra-se entre o comércio e os serviços, com somente 12% na indústria. A saída para aumentar essa diversificação, aponta o



JOÃO VILNEI/PREFEITURA DE SANTA MARIA/DIVULGAÇÃO/JC

Produção de pesquisas e de conhecimento é um capital valioso no município, e que precisa conversar com sua posição estratégica no Estado

município, está no incentivo à inovação.

Exemplos bem-sucedidos de desenvolvimento industrial em conjunto com a universidade já há. São os casos da Agrimec, montadora de máquinas agrícolas que já tem histórico em Santa Maria e que tem promovido o desenvolvimento de projetos inovadores. Um

deles foi uma nova tecnologia aplicada a uma colheitadeira de cana. Há também a TSB Jet, que surgiu como uma startup no Parque Tecnológico de Santa Maria e hoje fornece o seu pulverizador eletrostático para as lavouras nos Estados Unidos e na Europa.

Na balança comercial de Santa Maria, que é o 12º

principal município exportador do Rio Grande do Sul, atualmente, ainda prevalecem os grãos. Soja, trigo e arroz representam 96% de tudo o que é enviado a partir do município para o mercado externo. As máquinas agrícolas respondem por pouco menos de 3%.

Os estragos provocados pelos eventos de maio

deixaram uma preocupação a mais não apenas em relação ao escoamento dessa produção, mas à confiabilidade local como um atrativo de investimentos. Santa Maria é referência comercial e na área da saúde em um raio de 200 quilômetros, e hoje está, por exemplo, no radar das grandes redes varejistas.

Polo Tecnológico da UFSM desenvolve bioinsumos

Os insumos para melhoria no rendimento das lavouras gaúchas e brasileiras também têm terreno fértil na universidade. O Polo Tecnológico da UFSM, em Santa Maria, hoje concentra 12 empresas consolidadas e 35 startups em incubação. E a principal especialidade local está no agro.

Mais recentemente, no desenvolvimento de bioinsumos, uma tendência na indústria mundial de fertilizantes quando se fala de produção com sustentabilidade.

Desde o ano passado a universidade desenvolve, com recursos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, em seu polo, o primeiro FoodLab de FoodTech da América Latina e o primeiro

na área de bioinsumos no Rio Grande do Sul.

De acordo com a diretora do Polo Tecnológico, Maria Daniele Dutra, o objetivo é colocar Santa Maria na rota da inovação na área de alimentos e de produtos biológicos. Um avanço que vai além da produção dos alimentos no solo.

Há projetos de pesquisa, por exemplo, que desenvolvem microrganismos para controlar fungos que atacam frutos enquanto estão armazenados. Já há uma planta piloto de bioinsumos na UFSM.

“Só há inovação quando há pesquisa. É isso que fomentamos, com um contato permanente com a sociedade, para que as pesquisas resultem em soluções”, comenta a

diretora do complexo.

Neste caso, para que se tenha uma ideia, hoje o Brasil importa 76% dos ingredientes de fertilizantes e agrotóxicos. Os bioinsumos surgem como uma alternativa sustentável a

esse sistema.

Além da estrutura em Santa Maria, a universidade federal apoia pesquisas nesta área também em seus campi em Cachoeira do Sul e Frederico Westphalen.



UFSM/DIVULGAÇÃO/JC

Universidade Federal de Santa Maria reúne empresas e startups



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Diretora do Parque Tecnológico da UFSM, Maria Daniele Dutra

Agronegócio

Soja multiplica números da economia no Centro do RS

Boas safras e ampliação da produção da oleaginosa impulsionam o PIB de municípios

Jari, na Região Central do Estado, é um exemplo do efeito da soja sobre a economia desta faixa do Rio Grande do Sul. O município com apenas 3,3 mil habitantes triplicou o PIB entre 2020 e 2021, ano de supersafra, chegando a R\$ 469 milhões, e passou a figurar entre os 10 maiores VABs Agropecuários entre as regiões analisadas neste capítulo do Mapa. O município emancipou-se em 1995 de Tupanciretã que, ao lado de Júlio de Castilhos, representa, respectivamente, o terceiro e o quinto municípios com as maiores áreas plantadas com soja no Rio Grande do Sul em 2022. Ambos experimentaram alta em torno de 70% no PIB em 2021.

Um pouco mais ao sul, na Região Jacuí Centro, Cachoeira do Sul, que tem uma das principais economias dessa parte do RS,

agora entra no mapa dos municípios exportadores de soja e seus derivados. O principal produto do agro gaúcho deu um impulso às exportações da cidade, que registrou, entre janeiro e setembro, uma alta de 392,7%. Neste período, Cachoeira do Sul negociou US\$ 75 milhões em soja, óleo, tortas e resíduos de óleo de soja. Um item que sequer fazia parte dos artigos exportados pelo município em 2023, agora responde por mais de 82% dos negócios no exterior. Resultado direto da aquisição e início da operação pela gigante Cargill na unidade que, até novembro passado, pertencia à Granol.

Conforme a assessoria de imprensa da empresa, entre dezembro do ano passado e maio deste ano, foram investidos R\$ 15 milhões em adequações de segurança da planta para que ela passasse a trabalhar com melhor eficiência. A partir de Cachoeira do Sul, a Cargill gera, com o esmagamento dos grãos de soja, farelo, biodiesel e glicerina bidestilada. A unidade é

a primeira dedicada ao processamento da soja no Estado – a empresa conta com uma unidade comercial em Passo Fundo –, e faz parte da aquisição de três operações, além de quatro armazéns que pertenciam à Granol no País, e agora tornam a Cargill o produtor de biodiesel com maior capacidade de produção do Brasil.

Com menos de um ano de operação, a fábrica, que pode esmagar até 2 mil toneladas de soja por dia, atua com 80% da sua capacidade. A capacidade de produzir os derivados – farelo, glicerina e biodiesel – também ainda não está a pleno. A maior parte da produção vira farelo, saindo de Cachoeira atualmente 1,1 mil toneladas por dia.

A produção de biodiesel opera com 60% da sua capacidade, gerando 420 toneladas diárias do produto. De acordo com a empresa, o biodiesel produzido a partir da soja gaúcha hoje chega à Europa e Ásia, como resultado da qualidade do que é produzido no Estado.

Proteção da cultura no Brasil é desenvolvida em Taquari

Curiosamente, o desenvolvimento de um dos elementos fundamentais para a expansão e a qualidade do plantio da soja não apenas na região, mas em todo o Brasil, sai dos laboratórios e do parque industrial de Taquari. O município não figura entre os principais produtores de grãos, mas hoje representa um dos principais centros de referência no desenvolvimento de sínteses químicas para defensivos agrícolas no mundo, ao lado de Israel e da China.

A partir da Adama, com capacidade de produção em Taquari de 14 milhões de litros de compostos por ano, são produzidos os ativos picoxistrobina e protioconazol, considerados os dois ingredientes mais importantes no tratamento da soja para o agro brasileiro.

“Temos Taquari como uma referência mundial. Dentro do grupo Syngenta, do qual a Adama faz parte desde 2016, é na unidade do Rio Grande do Sul que temos o único centro de sínteses do Brasil. Somente em Israel e na China há estruturas semelhantes. Os ingredientes ativos produzidos aqui são, tanto fornecidos para a indústria em Londrina, para o desenvolvimento do produto final, quanto finalizados aqui ou exportados. Temos o lema de escutar, entender e entregar, que nada mais é do que trabalharmos permanentemente na antecipação, seja do clima, de pragas ou das características das principais culturas do agro brasileiro, para entregarmos a solução”, explica a diretora de operações na América Latina da

Adama, Ana Cristina Colla.

Foi desta forma que, há dois anos, foi inaugurada na unidade de Taquari uma nova planta, com investimento de R\$ 300 milhões, para a produção do protioconazol, usado na produção de novos fungicidas para a soja e o algodão. Como resultado, a unidade é uma das maiores produtoras deste ativo no mundo. Neste ano, como acontece anualmente, a empresa investe US\$ 20 milhões – R\$ 109,2 milhões em valores atuais – em melhorias nas duas unidades brasileiras, em Taquari e em Londrina. No município gaúcho, a unidade tem cinco plantas industriais. Nos últimos 10 anos, foram 26 novos produtos lançados no mercado com a participação da fábrica de Taquari. Nos próximos cinco anos, são projetados outros 26 produtos. A Adama, em sua estrutura global, é a principal produtora de ingredientes ativos no mundo, com 300 registros.

No ano passado, a empresa relata ter comprado 90% das suas matérias-primas no Brasil biodegradáveis. As exportações de inseticidas e herbicidas representam 5,1% de tudo o que é negociado por Taquari para o mercado externo. Anualmente, detalha Ana Colla, são 3,2 mil toneladas exportadas a partir de Rio Grande. Contando ainda com um centro de distribuição em Carazinho, somente no Sul do Brasil a Adama tem uma rede de 168 clientes em 92 municípios. No último ano, faturou R\$ 300 milhões, e a projeção é crescer em torno de 7% em 2024. Em escala global, a empresa faturou US\$ 4,6 bilhões.

Cinturão lidera emissões de gases do efeito estufa

Na mesma proporção em que a cultura extensiva gera dividendos, resulta em um dado preocupante em tempos de mudanças climáticas aceleradas. Conforme o relatório do Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG), do Observatório do Clima, Jari lançou 837,5 mil toneladas de gases do efeito estufa na atmosfera em 2022. Representa quase o triplo do registrado no ano anterior. Um crescimento que, a partir de 2020, chegou a 230%. A explicação, conforme o relatório, está na mudança radical do uso do solo. De acordo com os dados de 2022 do IBGE, até 61% da área do município é ocupada pelo plantio da soja. Onde há emissões de gases de efeito estufa concentrados, sem ações de neutralização, há geração de calor. E, na faixa central do Estado, considerada uma das mais propícias do mundo a

tempestades, este é um risco já monitorado pela ciência.

Na Região Central, para que se tenha uma ideia, são capturados apenas 11,1% dos gases emitidos. Bem abaixo da média estadual de neutralização de 14,1%. De acordo com o engenheiro agrônomo e coordenador do grupo de pesquisa em erosão de solos, do departamento de solos da UFSM, Jean Minella, os efeitos das cheias de maio e do ano passado mostraram que, com tamanho avanço de culturas como a soja em uma região declive como essa, a retomada do manejo adequado do solo é fundamental.

“O plantio direto, que é adotado em todo o Estado, não é suficiente, especialmente em uma região de transição entre o Planalto e a Depressão Central. É importante que se retomem práticas como o terraceamento. Era uma prática que, até a década de 1990, era

adotada neste trecho do Planalto, mas, com a intensificação da soja, começaram a ser desmanchados os terraços, que têm a função de amenizar cheias, e retiram água, para o uso de máquinas cada vez maiores. O plantio direto foi sendo simplificado, o ambiente compactado, sem barreiras ao escoamento da água, levando muito do solo junto, além de reduzir a capacidade de infiltração neste solo. O fato é que essa simplificação potencializou os efeitos das cheias”, detalha o especialista. De acordo com Minella, a agricultura de precisão, com o uso de tecnologia, neste momento de recuperação para a próxima safra é bem-vinda, mas precisa ser acompanhada da ciência básica da agricultura. “É preciso convencer o produtor de que os terraços, por exemplo, só funcionam a pleno com cobertura 365 dias por ano”, explica.



Planta gaúcha é o único centro de sínteses do País, diz Ana Colla

Bom manejo do solo faz a diferença

Há 20 anos o grupo de pesquisadores da UFSM monitora os solos e os mananciais da região. Atualmente, os levantamentos estão concentrados na bacia do Arroio Guarda-Mor, na região de Faxinal do Soturno. Foi a partir dali que o agrônomo Jean Minella avaliou as consequências da cheia de maio.

“É importante lembrar que o processo erosivo não foi uniforme, por isso é impossível precisar uma estimativa de perda de solos pela enxurrada. Houve desde perda total de lavouras, a deposição de areia, perda de material como nutrientes de superfície e também a abertura de muitos sulcos nas áreas de plantio”, conta o pesquisador.

De acordo com o presidente da cooperativa Agropan, Juez Nascimento, em torno de 60% da área dos associados já estava colhida quando aconteceu a cheia, e a entidade, que tem sede em Tupanciretã e 20 unidades de recebimento em outros quatro municípios da região, recebeu 6 milhões de sacas, com algo em torno de 20% dos grãos avariados. Houve, no entanto, como recorda o dirigente, produtores que tiveram mais

de 30% de perda na produção e com mais de 70% dos seus grãos avariados.

O volume colhido, ele reforça, ficou dentro do esperado pela cooperativa. O pior é o passivo enfrentado pelos produtores. “Já temos organizado o auxílio aos produtores para a recuperação do solo e o controle da erosão. O maior problema é o acúmulo de secas recorrentes com a enxurrada e o aviltamento dos preços. Nos anos anteriores, a cooperativa, por estar saudável, conseguiu cobrir os prejuízos. Agora, o produtor está pressionado para a preparação da próxima lavoura”, aponta Nascimento.

A Agropan concentra mais de 2 mil associados em uma região de abrangência de 13 municípios. Entre os quais, garante Juez Nascimento, há um trabalho permanente de assistência técnica para que reforcem o plantio direto e preservem áreas de proteção permanente. Em Jari, por exemplo, a Agropan mantém duas unidades de recebimento de grãos. Lá, comenta o presidente, foram estabelecidas lavouras em todas as áreas em que era permitido.



Pesquisador Jean Minella, da UFSM, atualmente concentra seus estudos na bacia do Arroio Guarda-Mor

No caso da Camnpal, que conta com 7,5 mil associados em mais de 50 municípios da faixa central do Estado, a colheita da soja rendeu 5 milhões de toneladas, em torno de 1 milhão abaixo do que era previsto. “Ficaremos com muita soja para o ano que vem, porque recebemos grãos muito molhados, avariados, e sem padrão para a exportação”, explica o presidente da cooperativa, Claudemir Piccin.

A soja responde por 67% da

produção da Camnpal, que não sofreu perdas ou mudanças no seu cronograma de investimentos em infraestrutura. São seis silos em fase de finalização, com a perspectiva de aumentar nos próximos anos em 560 mil sacas a capacidade de armazenamento da cooperativa.

Há, no entanto, preocupação em relação à próxima safra. De acordo com Claudemir Piccin, o departamento técnico está atuando para a correção de solos e a perspectiva é de

que demorem alguns anos para retomar o bom nível de produtividade na região.

“Haverá maiores custos para o produtor corrigir e fertilizar o solo para a próxima safra, mas a consequência de um evento como este, que tende a se repetir, vai muito além das propriedades no Planalto. O sedimento e o alto volume de água foi arrastado para as várzeas, para a cultura do arroz, e para as cidades”, comenta Minella.

Perdas na lavoura não desanimam a indústria arroseira

O engenheiro agrônomo e coordenador do grupo de pesquisa em erosão de solos, do Departamento de Solos da UFSM, Jean Minella, acredita que, no caso da soja, em dois anos é possível que o sistema esteja recuperado na região, mas as lavouras de arroz afetadas, avalia o especialista, podem levar uma década na recomposição. Dados do Irga corroboram com a observação. Conforme o boletim final da safra 2023/24, foram perdidos 46,9 mil hectares em virtude das cheias de maio, que representam 5,22% da área semeada no Rio Grande do Sul. As perdas, aponta o órgão estadual, concentram-se justamente na faixa central do Estado.

O dado, porém, não desanima as cooperativas que já planejavam investimentos no beneficiamento do arroz na região. É o caso da Cotrisel, que

tem hoje a quarta marca mais vendida de arroz no Brasil – especialmente entre o Sudeste e o Nordeste –, e entre as seis maiores beneficiadoras do Rio Grande do Sul. A cooperativa desembolsou R\$ 10 milhões este ano na automatização das suas fábricas, principalmente em São Sepé.

“O produto entra com casca e sai já enfardado por esse processo. Agora, já adquirimos o robô para garantir a robotização do processo de carregamento de fardos. É um mercado muito competitivo, então, toda a nossa prioridade é garantir a produtividade mais eficiente nas nossas fábricas”, explica o presidente da cooperativa, José Paulo Salerno.

Com a venda de 4,8 milhões de fardos de arroz em 2023, a cooperativa destinou em torno de 300 mil fardos a marcas de terceiros e para

exportação. A marca, que repetiu os valores de 2022, representa o maior volume histórico de comercialização da cooperativa. No ano passado, o volume de arroz recebido pela Cotrisel foi o menor da história, mas o valor do produto no mercado compensou.

Desde julho, a nova fábrica de beneficiamento de arroz da Camnpal também opera em Dona Francisca. A cooperativa investiu, neste ano, R\$ 30 milhões para acelerar o projeto que já havia recebido R\$ 61 milhões em aportes no ano passado. Havia a perspectiva de receber uma safra recorde de arroz neste ano, proveniente dos produtores da faixa central do Estado. A cooperativa pretende aumentar em pelo menos 50% o seu faturamento com o arroz, que representa pouco mais de 14% dos grãos da Camnpal.

A produção agrícola nos municípios deste Mapa Econômico

Soja

- Tupanciretã: 147,9 mil hectares (2º RS)
- Cachoeira do Sul: 107,9 mil hectares (5º RS)
- Júlio de Castilhos: 103,9 mil hectares (6º RS)
- Rio Pardo: 77,3 mil hectares
- São Sepé: 70,5 mil hectares

Arroz

- Cachoeira do Sul: 25,5 mil hectares
- São Sepé: 16 mil hectares
- Restinga Sêca: 14,7 mil hectares
- Cacequi: 12,2 mil hectares
- São Vicente do Sul: 9,2 mil hectares

Aveia

- Tupanciretã: 9 mil hectares
- Júlio de Castilhos: 8 mil hectares

- Cachoeira do Sul: 6,1 mil hectares
- São Sepé: 5 mil hectares
- Jari: 4 mil hectares

Trigo

- Tupanciretã: 34,1 mil hectares (3º RS)
- Capão do Cipó: 15 mil hectares
- Jari: 12 mil hectares
- Júlio de Castilhos: 9,7 mil hectares
- Cachoeira do Sul: 8,06 mil hectares

Canola

- Região Central do Estado tem 29,3 mil hectares plantados, é a terceira maior região produtora no RS. Principais áreas em Santiago, Tupanciretã, Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul e Lajeado

Energia

Usina de etanol de trigo será inaugurada em dezembro em Santiago

Produção de álcool no Vale do Jaguari, pioneira no Rio Grande do Sul, tem como prioridade a indústria de bebidas

Eduardo Torres

A primeira usina gaúcha a sair do papel e produzir etanol a partir do trigo toma forma em Santiago, na Região Vale do Jaguari. Em fase adiantada de obras – que precisaram ser prorrogadas em virtude das cheias de maio –, o empreendimento da CB Bioenergia, liderada por um grupo de produtores rurais da região, deve iniciar sua produção em dezembro, cinco meses depois do prazo inicialmente previsto. O investimento que deve ultrapassar os R\$ 100 milhões entre 2023 e 2024.

O projeto, que atende à meta de ampliar a produção de biocombustíveis e redução de emissões no Rio Grande do Sul, concretiza-se justamente no

município que lidera o ranking incômodo de maior emissor de gases do efeito estufa entre as regiões retratadas neste Mapa.

Conforme o relatório do Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG) do Observatório do Clima, em 2022, Santiago lançou 1,2 milhão de toneladas de gases. No ano anterior, o município teve o PIB ampliado em quase 40%, e é uma espécie de porta de entrada para um cinturão da soja que se formou entre o Vale do Jaguari, o Centro e o Jacuí-Centro. Não à toa, mesmo sendo a região com a segunda menor participação percentual no PIB do Rio Grande do Sul, o Vale do Jaguari experimentou a terceira maior alta regional no PIB entre regiões do Estado entre 2020 e 2021.

Em Santiago, a economia local tem o agro como a sua principal força, e 80% da área cultivada é plantada com soja. “A instalação da usina será estratégica não só para Santiago, mas



Projeto, que deve superar aporte de R\$ 100 milhões, atende demanda gaúcha por biocombustíveis

para toda a região. Hoje, há uma ociosidade de terra no inverno, e isso, sabemos, resulta em solos menos protegidos e maior emissão de gases. Será um novo ciclo, uma nova safra, com a vantagem de agregar valor com a industrialização da nossa matéria-prima”, diz o prefeito de Santiago, Tiago Lacerda.

A usina terá capacidade de produção do álcool hidratado, com combustível para veículos e aviões agrícolas, no entanto, a prioridade do projeto, diferentemente de outros projetos semelhantes no Estado, em sua maioria no Norte, estará voltada ao fornecimento de álcool neutro para a indústria de bebidas e de cosméticos. Por meio de nota, os empreendedores explicam que a CB Bioenergia terá capacidade para produzir 12 milhões de litros de álcool por ano. Inicialmente,

com a projeção de moagem de 100 toneladas de matéria-prima por dia, com a geração de 70 empregos diretos. E essa base para o álcool não se limitará ao trigo.

A tecnologia aplicada no projeto de Santiago permitirá gerar álcool também a partir de arroz, sorgo, triticale, cevada e milho. A origem será, em primeiro lugar, as próprias lavouras dos empreendedores. São 40 mil hectares de trigo, além de outros 50 mil hectares de soja, entre o Vale do Jaguari e a Fronteira Oeste. Além disso, o grupo aponta que a compra de produtores de Santiago e de municípios da região – a partir de cooperativas – será prioritária.

Ao que tudo indica, o primeiro ciclo de produção da nova usina será de safra cheia de trigo. “Projetos como este, na nossa região, são muito bem-vindos e

serão uma excelente alternativa para a valorização aos nossos produtores. Já chegamos a produzir 24 mil toneladas de trigo, mas, com a queda nos preços, a safra reduziu pela metade. Incentivamos o cultivo, até mesmo como cultura de cobertura do solo no inverno, com o fornecimento de todo o insumo aos associados. Mas, com a concretização desta usina, teríamos toda condição na região de fornecer não somente o trigo, mas principalmente triticale”, diz o presidente da Cooperativa Tritícola Sepeense (Cotrisel), José Paulo Salerno. O trigo produzido pelos associados tem parte destinada aos moinhos, mas um grande percentual é exportado para produção de rações. É o que também acontece com a produção da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma (Camnpal).

A cidade dos ‘pilas’ sustentáveis

De acordo com o prefeito de Santiago, Tiago Lacerda, a intenção é que a nova usina reforce uma vocação da cidade para ser um polo comercial do agro, com máquinas, corretoras e suporte ao produtor. No radar imediato, Lacerda antecipa que há investimentos imobiliários para implementar indústrias e serviços como a qualificação na educação. “Criamos há quatro anos um projeto único para garantir a economia circular para os resíduos gerados aqui, que é o pila verde. Os moradores são incentivados a entregar o lixo orgânico, que vai para uma grande composteira e vira fertilizante com um processo de aceleração biológica desenvolvido no município. E, no ano passado,

iniciamos também o pila azul, para a entrega de recicláveis.”

Cada cinco quilos de resíduo orgânico entregue à compostagem resulta em um pila verde, que pode ser trocado por produtos na feira dos produtores locais, na praça da cidade. E os produtores podem trocar os seus pilas pelo fertilizante desenvolvido no município. O projeto já foi visitado pela FAO, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura e, neste ano, fez parte do levantamento Municípios Agroecológicos e Políticas de Futuro, feito pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Até o começo deste ano, o “pila verde” já resultou em 600 toneladas de material recolhido e transformado.

Cooperativas investem em geração e transmissão de energia

Não foi só o risco de isolamento rodoviário da faixa central do Estado que acendeu o alerta e deve acelerar investimentos estratégicos para a região. A prioridade da cooperativa Certel, que tem sede em Teutônia, no Vale do Taquari, é ampliar os investimentos e concretizar com maior velocidade o seu principal projeto de geração de energia na região, a partir do Rio Taquari, com a Hidrelétrica Bom Retiro. Será, como diz o presidente da cooperativa, Erineo Hennemann, a resposta mais eficiente ao risco real de apagão escancarado na tempestade.

Para o projeto da hidrelétrica, que terá capacidade de

geração de 35,18 MW, podendo abastecer 100 mil pessoas, e que já tinha projeção de iniciar as obras neste segundo semestre, foi preciso refazer a batimetria do rio, os estudos topográficos e o novo volume de água no trecho entre Bom Retiro do Sul e Cruzeiro do Sul. Originalmente, o projeto era avaliado em R\$ 250 milhões, com algo em torno de R\$ 20 milhões a serem desembolsados pela Certel neste ano, e a previsão de entrega em 2026.

O orçamento, porém, passa por revisão “Priorizamos este projeto pelo seu porte, que vai representar autossuficiência neste trecho do sistema”, comenta Hennemann.

Região estratégica para o sistema elétrico

■ 6 projetos de novas usinas hidrelétricas entre as regiões Central e Vale do Taquari estão em fase de licenciamento pelo Estado, e outros 16 projetos de linhas de transmissão e subestações transitam em fase de licenciamento na região.

■ Representam pelo menos R\$ 840 milhões em investimentos

■ 9 usinas hidrelétricas já operam entre as regiões Central e Vale do Taquari, com mais de 325 MW de potência instalada

Desenvolvimento

Região Central recebe aportes para abastecimento

Centros de distribuição de combustíveis e investimentos na produção de refrigerantes são exemplos

O isolamento quase total do Centro do Estado nos primeiros momentos das cheias de maio reforçou a importância de investimentos estratégicos nesta região. Para que se tenha uma ideia, com a Capital debaixo d'água, era a partir de Santa Maria que a Femsa garantia a produção e distribuição de boa parte da água mineral, refrigerantes e sucos para o Rio Grande do Sul. O episódio reforçou a necessidade de investimentos na estrutura da empresa, que anunciou aportes de R\$ 886 milhões no Estado. Parte deste recurso deverá ser destinada à unidade da Região Central do Rio Grande do Sul.

O caso da rede de distribuição e comercialização de

combustíveis Argenta, que transferiu para dezembro a inauguração do seu novo centro de distribuição, em Santa Maria, com investimentos de R\$ 60 milhões, é semelhante.

A nova instalação fica às margens da BR-392, no caminho entre Santa Maria e São Sepé, e terá a capacidade para armazenar até 200 milhões de litros de combustíveis, com um potencial de autonomia para atender aos postos da própria rede, mas também de outras bandeiras, a um raio de até 300 quilômetros a partir do centro geográfico do Rio Grande do Sul. Algo que, numa situação como a vivida em maio, poderá ser uma segurança logística, sem depender, por exemplo, da Região Metropolitana.

De acordo com o superintendente da SIM Rede de Postos, Diego Panizzon Argenta, 8% do combustível vendido pela rede é concentrado nesta faixa do Estado, e há planos de ampliação no número de

postos de combustíveis na região.

“Vimos durante as cheias o problema que o isolamento logístico causou. Será muito importante para a nossa rede, e também para outras, termos um grande estoque próximo deste raio de ação. Tanto para a distribuição de combustíveis que chegam de outras regiões, quanto para reforçar o potencial da região na produção e preparo de biocombustíveis, essa é uma parceria muito viável, não teríamos porque trazer de outras regiões o que teremos na Região Central. A nossa ideia é cada vez pulverizar mais a distribuição e garantir autonomia regional”, explica o diretor.

A BR-392, onde será erguido este centro de distribuição de combustíveis, é a principal rota rodoviária para envio de cargas desde o Norte e Noroeste do Estado em direção ao Porto de Rio Grande, naturalmente, passando por Santa Maria, no coração do Rio Grande do Sul.

Recomeço impõe parâmetros a cidades

No caso da Padaria Bruxel, o primeiro baque aconteceu em setembro. Depois da água invadir o negócio, o proprietário Luiz Ângelo Bruxel tratou de recuperar as instalações, a algumas quadras das margens do Rio Taquari.

“Fizemos uma reforma, erguemos piso, recuperamos móveis. E quando estávamos recuperados, chegou a cheia de novembro, com menor volume, aí conseguimos retirar os móveis novos e preservar o maquinário, mas o piso estragou e precisou ser novamente trocado. Foram mais 10 dias para voltarmos a atender. E aí aconteceu a enchente de maio. Achávamos que estávamos preparados, erguemos tudo e até conseguimos tirar alguns materiais antes da água chegar, mas os maquinários, mais pesados, não teve como tirar, e perdemos em torno de 80% da matéria-prima. O estrago foi total, com um prejuízo nesse período em torno de R\$ 750 mil”, lamenta Bruxel.

A água, que nas outras oportunidades havia entrado na padaria, desta vez, ultrapassou ela.

Ficou 1,5 metro acima do teto. Entre as cheias, quatro pessoas morreram em Estrela. “Quando conseguimos entrar no que sobrou da padaria, foi uma decepção total. Moro desde 1971 em Estrela e nunca tinha visto nada parecido. Em 16 de maio, completamos 30 anos de padaria, e eu pensei em desistir, mas o meu irmão me convenceu a buscarmos um novo endereço, no Centro, e a mobilização de todos na comunidade para nos ajudarem foi incrível. Eu não poderia deixar os 29 funcionários na mão. Então mobilizamos técnicos para recuperarem as máquinas e montamos uma nova padaria, que já tem excelentes resultados nestes primeiros meses”, garante o empresário.

No dia 26 de maio, menos de um mês depois da cheia, como um símbolo da reação de Estrela, a padaria estava reaberta no novo endereço. “Estamos trabalhando muito para entendermos que o mundo mudou. Não só com a busca de experiências de lugares que enfrentaram riscos de cheias, mas também pensando

em um novo modelo de cidade, mais sustentável. Hoje temos, por exemplo, a maior ciclovias do Brasil, entre Estrela e Imigrante. É uma demonstração da cidade do que queremos a partir da tragédia”, valoriza o prefeito de Estrela, Elmar Schneider.

Experiência ainda mais traumática foi vivida em Cruzeiro do Sul. Entre os eventos de 2023 e 2024, foram 18 vítimas fatais. Ao lado de Roca Sales e Muçum, foi o município com o maior registro de mortes. De acordo com o prefeito João Henrique Dullius, foram R\$ 230 milhões em prejuízos e o impasse sobre o futuro do município.

“A cidade do futuro precisa ser erguida em um local mais seguro, não podemos arriscar um recomeço no mesmo lugar. Enquanto trabalhamos para realojar as famílias atingidas, estamos trabalhando nesse novo planejamento de Cruzeiro do Sul. Queremos ser uma atração a novos investimentos na área da construção, com novos conceitos e com segurança para todos”, comenta o prefeito.



Duplicação da BR-386 ajuda projetos estratégicos a saírem do papel

Estrela atrai instalação de novas empresas após inundações

Quem vê a Padaria Bruxel funcionando em um novo endereço, em Estrela, no Vale do Taquari, desta vez mais distante do rio, tão pouco tempo depois da tragédia das cheias de maio, tem uma amostra do que tem motivado o município que, entre 2020 e 2021, experimentou um crescimento superior a 20% no PIB, nesta retomada.

Com o avanço de obras estratégicas, como a duplicação da rodovia BR-386, Estrela tira do papel projetos que tornam a cidade uma valorizada referência logística para empresas da região.

São concretizados, por exemplo, dois distritos logísticos quase vizinhos, às margens da rodovia: o Centro Logístico Betiolo e o 386 Business Park, que já concentram, juntos, nove novas empresas na cidade.

“Nunca desistimos, e estamos retomando o ritmo de crescimento rapidamente. Temos três distritos industriais, dois complexos logísticos e 23 loteamentos residenciais aprovados, para serem entregues até dezembro. A cidade segue se expandindo para locais mais seguros e sem risco de inundação. São 186 quilômetros quadrados que podem ser completamente usados para desenvolvimento econômico, social e urbano”, garante a secretária

municipal de Desenvolvimento Econômico de Estrela, Andressa Traesel.

Reação semelhante já havia acontecido após a cheia de setembro do ano passado. Segundo o prefeito Elmar Schneider, com um plano chamado Renasce Estrela, o governo municipal, que viu o orçamento quase dobrar entre 2020 e 2024, injetou diretamente R\$ 5 milhões em incentivos à retomada das empresas locais, e ainda atraiu investimentos. Foi logo depois da primeira tragédia que o Grupo Passarela, que instala um dos seus hipermercados em Lajeado, confirmou investimento de R\$ 20 milhões para um centro logístico em Estrela. A projeção feita pelo prefeito é de que, nos próximos 10 anos, os recentes investimentos farão circular em Estrela R\$ 1 bilhão. A nova inundação não mudou os planos de investimentos no município de empresas como a STW Tecnologia, que já iniciou obras de uma nova sede no 386 Business Park, além da Vinagres Prinz, da empresa de embalagens New Pack e da Giro Distribuidora, todas deixando Lajeado e migrando para Estrela, justamente após a cheia de maio. E há ainda a Nutritec, que investe R\$ 30 milhões na construção da sua nova sede em Estrela.

Nova alternativa logística

■ Estrela concentra dois novos centros logísticos: Betiolo (Centro de Distribuição do Mercado Livre, Posto SIM, locadora de veículos, usina de asfalto da CCR ViaSul e Centro de Distribuição do Grupo Passarela) e 386 Business Park (Medical San, Casa Nostra, posto de combustíveis, STW Tecnologia).

■ Município encampou a área portuária, onde a Nutritec concentra investimentos em armazenagem, para retomar o potencial hidroviário a partir do Rio Taquari, e também o aeródromo local.

■ Município estima movimentar R\$ 1 bilhão em uma década com novos investimentos.

Indústria

Indústria química do Vale do Taquari gera negócios globais

Com soluções em limpeza, empresas reduzem impacto da produção de proteína animal e garantem economia circular

Eduardo Torres

Fica no Vale do Taquari uma das principais soluções para reduzir o impacto da produção de proteína animal e garantir a economia circular lucrativa para a região. É este setor, com a Fasa, que mantém a produção de óleos e farinhas a partir da gordura e outros resíduos animais, que coloca Cruzeiro do Sul como o 21º maior exportador do Rio Grande do Sul em 2024. Entre janeiro e setembro, a empresa já gerou mais de US\$ 100 milhões em negociações com o exterior, uma alta de 78% em relação ao ano passado.

A indústria química, especialmente de produtos saneantes, tem também na região um polo de relevância mundial. “Produzimos óleos que servem como soluções para a cadeia produtiva da indústria química fina em todas as regiões do mundo a partir da gordura animal, que seria um resíduo produzido na região. A partir da nossa produção, em Encantado, fornecemos óleos e glicerina para indústrias mundiais, e em relação aos ácidos graxos, também resultantes desta matéria-prima, o principal destino é a indústria brasileira”, explica o diretor da fábrica de produtos de limpeza Fontana, Maurício Fontana.

A empresa, que se viu obrigada pelas cheias deste e do ano passado a transferir parte da produção para Teutônia, completa 90 anos neste mês e é uma das expoentes neste setor. Além dos 10 produtos a partir de óleos químicos que fornece a terceiros, a Fontana figura entre as 10 maiores empresas brasileiras no setor de consumo, que inclui produtos de limpeza e higiene pessoal, como sabonetes e sabão em barra, saneantes e produtos de limpeza de roupas. São 140 marcas vendidas pela empresa do Vale do Taquari.

Segundo Fontana, a partir do baque concretizado em maio, serão necessários até dois anos para recuperar o mercado



FONTANA/DIVULGAÇÃO/JC

Fontana calcula 2 anos para recuperar mercado no Brasil e no exterior

perdido entre Brasil, Mercosul e Caribe. Antes das cheias, a fábrica instalada em Encantado tinha capacidade produtiva de quatro milhões de toneladas de produtos por mês, e vinha operando em torno de 2,5 milhões de toneladas. Agora, neste período de retomada e antes da entrada em funcionamento das novas linhas em Teutônia, que serão dedicadas à finalização de sabonetes, a empresa tem abastecido o mercado com algo em torno de 1,5 milhão de toneladas por ano.

Já em Arroio do Meio, que foi um dos municípios mais atingidos pela enxurrada, a Girando Sol, mesmo sofrendo os impactos, com 90 funcionários atingidos, não teve as suas instalações prejudicadas. Com a produção de materiais de primeira necessidade desde o primeiro dia de baixa das águas, tornou-se uma das forças da retomada. E em plena expansão.

“Mantivemos na íntegra nosso plano de expansão, mesmo com alguns atrasos logísticos e no ritmo das obras. Nosso plano

é inaugurarmos a fábrica com 12 mil metros quadrados a mais no segundo semestre de 2025”, garante o diretor da Girando Sol, Gilmar Borscheid. A empresa investiu R\$ 72 milhões neste ano entre a aquisição de máquinas e obras estruturais para aumentar a planta que produz, hoje, em 23 mil metros quadrados. Um planejamento, como aponta Borscheid, pensando em cinco anos adiante. Em 2023, a empresa aumentou em 16% o seu volume de produção e em 30% o faturamento. A meta para este ano é garantir outros 12% de crescimento em ambos os fatores. São mais de 200 SKUs (rótulos) da Girando Sol. A empresa estima em torno de 60 milhões de consumidores entre os estados das regiões Sul e Centro-Oeste e países como Uruguai, Paraguai e Chile. A meta é consolidar-se ainda mais neste espectro. “Percebemos um aumento da demanda por água sanitária, desinfetante e outros produtos relacionados ao momento de recuperação das áreas afetadas no Estado.”



AGÊNCIA DARDE / DIVULGAÇÃO / JC

Borscheid: Girando Sol tem clientes no Uruguai, Paraguai e Chile

Encantado consolida polo de cosméticos

É com foco no desenvolvimento de produtos químicos inovadores que se consolida em Encantado o polo de cosméticos, principalmente no ramo de tratamentos capilares. O setor figura, inclusive, entre os produtos exportados pelo município, tendo movimentado US\$ 1,29 milhão entre janeiro e setembro, 32% a mais do que no ano passado. Atuam em Encantado nove fábricas e alguns distribuidores, chegando a 20 empresas envolvidas nesta cadeia.

São empresários como Róger Soares que, com a sua empresa Só Cabelos,

desenvolveu uma base vegetal a partir de ácidos naturais e sem formol e derivados. “Cosméticos são produtos que, mesmo em meio à crise, sempre terão procura e consumo. Foi um nicho que se desenvolveu aqui passando a experiência de uma empresa para outra. Alguém aprende o ofício, trabalhando em uma empresa do setor, e cria a sua própria empresa ou produto. É uma cadeia que fortalece a economia.” O desafio atual do empresário, agora, é retomar o rumo da marca Tricofill, recentemente assumida por ele.

Companhias de Santa Cruz do Sul buscam reduzir emissões

Em Santa Cruz do Sul, mesmo com atividade industrial intensa, e com a concentração populacional, são neutralizados 16% dos gases do efeito estufa gerados no município. A cidade concentra o maior VAB Industrial entre as regiões Central e Vales, no entanto, não figura entre os maiores emissores de gases. E a tendência é de reduzir ainda mais essa participação.

É o que acontece na Mercur, que completa 100 anos em 2024. Desde 2015, a empresa que produz materiais de saúde e educação, tendo a borracha como uma das suas principais matérias-primas, é considerada carbono neutro.

Entre os novos produtos desenvolvidos pela empresa neste ano a partir do seu laboratório de inovação, estão os produtos de reabilitação com a tecnologia 3D Knit, que substituiu o neoprene. O novo tipo de tear para o desenvolvimento do knit usa elastano de base natural juntamente com materiais sintéticos. “Esta nova tecnologia reduziu a perda de retalhos, como acontecia, por exemplo, com o neoprene. Enquanto no material tradicional a perda chega a 20% por corte, na tecnologia desenvolvida aqui, este índice cai a 5%”, detalha o facilitador de coordenação da Mercur, Ricardo Reckziegel.

Tecnologia é aliada da sustentabilidade

É também em alta tecnologia que o diferencial sustentável da Imply, de Santa Cruz do Sul, aparece. A empresa especializada no desenvolvimento completo de pistas de boliche exportadas para 125 países, em seu parque fabril, que passa por investimentos para ampliação, aplicou o chamado “One Degree Less”. Trata-se do uso de telhados brancos, que refletem até 90% dos raios solares, gerando, no interior da empresa, redução no consumo de energia na refrigeração de ambientes, por exemplo.

A empresa usa ainda

sistemas de ventilação natural, aproveita a iluminação natural e coleta água da chuva para o uso interno. De acordo com o CEO da Imply, Tironi Paz Ortiz, todos os seus produtos são criados com o conceito de baixo consumo de energia. E isso tem feito a diferença. “É um setor em que hoje estamos entre as principais marcas do mundo, e com uma demanda crescente”, garante Ortiz. Na sua nova geração da máquina rearmadora de pinos de boliche, por exemplo, há redução de 65% no consumo de energia em relação a outros modelos.

Indústria

Produção fumageira garante exportações em alta

Região concentra mais de uma dezena de processadores que destinam o tabaco à exportação

Uma cadeia produtiva em evolução, desde o campo até a indústria, voltada quase exclusivamente à exportação. Esta é a realidade do setor fumageiro, que garante a Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, no Vale do Rio Pardo, lugares entre os dez municípios com maiores valores exportados no Rio Grande do Sul entre janeiro e setembro deste ano. Mesmo com os eventos climáticos de maio, que não afetaram o período de safra, mas anteciparam a maior parte das vendas do tabaco, somente entre os dois municípios, foram comercializados mais de US\$ 1,5 bilhão entre tabaco cru e seus derivados. O setor respondeu, nestes nove primeiros meses do ano, por 8,4% das exportações gaúchas – em torno de 90% deste volume escoado a partir de Rio Grande.

“Tivemos em 2023 um aumento no volume de exportações em relação a 2022, e a estimativa que temos é de que deveremos fechar 2024 com um volume menor de exportação, no entanto, com um avanço nos valores das negociações com o exterior, porque o nosso produto brasileiro, especialmente gaúcho, tem alto padrão de qualidade, muito procurada fora do Brasil, apesar das dificuldades climáticas dos últimos anos”, explica, Iro Schünke, que presidiu o Sindicato Interestadual da Indústria de Tabaco (Sinditabaco) por anos, até concluir seu último mandato em outubro.

Entre Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires estão concentradas pelo menos oito indústrias do setor. A maior parte delas faz o processamento das folhas, após a colheita e a secagem nas propriedades, e vende para outros países, onde o material gera produtos como cigarros e charutos. Na região há, no entanto, duas cigarreiras ativas – Philip Morris e JTI –, que destinam em torno de 5% do produto para o mercado nacional.



Fumo é produzido em propriedades de cidades como Vera Cruz

“O tabaco é processado nas nossas indústrias, com a safra gaúcha, e mesmo com redução no volume colhido nos últimos anos, temos estrutura para suprir a demanda mundial pelo produto brasileiro. E no mercado nacional, temos um obstáculo muito grave, que é o contrabando. Hoje, 41% do cigarro comercializado no Brasil ingressa no País de forma ilegal”, diz o dirigente.

Somente entre as indústrias do setor, o Sinditabaco estima em torno de 25 mil trabalhadores. Conforme a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), na última safra, 64,7 mil famílias produziram fumo em todo o Estado, representando, entre toda a cadeia, em torno de 500 mil pessoas diretamente envolvidas na produção. Destes, pouco mais de 28 mil famílias produtoras são das regiões do Vale do Rio Pardo, Central e Vale do Taquari. As regiões, respondem por 43% da área plantada e da quantidade produzida. O faturamento dos produtores chegou a R\$ 2 bilhões somente entre essas regiões no último ciclo.

“O fumo é mais resistente do que outras culturas, especialmente em relação à seca. Com o excesso de chuvas, que foi o que enfrentamos na última safra, no segundo semestre do ano passado, a folha perde peso e gera, inclusive, uma pequena alteração na composição química. Essa alternância de eventos extremos dos últimos anos já tem nos desafiado para mantermos o padrão do nosso produto”, aponta o presidente da Afubra, Marcílio Drescher.

Em dezembro, por exemplo,

o setor estimou em 20% de quebra, em média, pelas folhas menores e mais leves. No entanto, a qualidade compensou. Foram colhidas no Rio Grande do Sul 256,9 mil toneladas na última safra, sendo 111,7 mil neste recorte do Estado, e que são comercializadas agora.

“O produtor tem elevado o nível da produção, mas quando é muita chuva, não tem muito o que fazer. A solução tem sido o manejo e a melhoria tecnológica da lavoura e no processo de secagem. Toda exportação tem uma análise de qualidade muito cuidadosa”, diz Drescher.

Com a boa remuneração ao setor, principalmente no comparativo com outras culturas, a estimativa é de que nos próximos anos possa haver aumento de áreas plantadas na região.

Mesmo sendo uma cultura resistente, a fumicultura também contabilizou perdas com as cheias de maio. Um levantamento feito pelas duas entidades avaliou em R\$ 95 milhões os prejuízos a cerca de 2 mil produtores em 75 municípios. O mesmo levantamento apontou que 96% destes produtores pretendem continuar com a cultura.

A maior fatia desse prejuízo foi contabilizada em Venâncio Aires, com quebra estimada de R\$ 18,3 milhões. Em Candelária, foram outros R\$ 16,5 milhões em prejuízos. Em termos de volume estimado para a safra que é plantada neste segundo semestre, a perspectiva é de perda, relacionada a estes eventos, de somente 848 toneladas – 0,33% da última safra. Foram 1,4 mil hectares perdidos e 216 estufas e galpões.

Neutralização de gases na produção industrial do tabaco

O Vale do Rio Pardo, região que responde por 30% da produção, e praticamente toda a industrialização do tabaco no Rio Grande do Sul é, entre as regiões retratadas neste Mapa Econômico, a que mais atua regionalmente na captura dos gases causadores do efeito estufa. Conforme o relatório do Sistema de Estimativas de Gases de Efeito Estufa, do Observatório do Clima, os municípios do Vale do Rio Pardo neutralizaram, em 2022, 20,4% dos gases que emitem. Uma média bem superior aos 14,1% de captura ou neutralização em nível estadual. Na produção fumageira, também estimulada pelo mercado internacional em que está inserida, este processo estende-se entre toda a cadeia produtiva.

“O impacto produtivo do tabaco é positivo, porque ele absorve o carbono e é cultivado em pequenas áreas. Isso permite, por exemplo, a manutenção de campos nativos e estimula o plantio de novas florestas, pela silvicultura, que alimentam o processo de secagem das folhas. É muito menos impactante que lavouras extensivas, por exemplo. E mesmo com todo o preconceito e a publicidade

negativa, este é um dos setores que menos usam agroquímicos atualmente. São pelo menos 14 culturas que usam mais defensivos do que o fumo. Temos investido em produtos mais orgânicos e na saúde do produtor”, garante Marcílio Drescher. Boa parte do estímulo para essa mudança vem da indústria. O complexo fumageiro está dentro de um ambiente, em Santa Cruz do Sul, onde a ideia da indústria limpa, nos mais variados setores produtivos, tem ganhado cada vez mais espaço.

A Japan Tobacco International (JTI), que processa o tabaco para garantir 24% da demanda global e produz cigarros a partir de Santa Cruz do Sul, destina neste ano R\$ 115 milhões ao Estado entre investimentos na sua fábrica e na cadeia de produtores associados. “Nossa fábrica pode ser considerada quase neutra em emissões, em relação aos escopos 1 e 2, que estão no nosso controle. Agora, direcionamos nossas atenções e investimentos em processos que reduzam o impacto do produtor para certificarmos toda a nossa produção”, diz o líder de operações e tabaco e folha da JTI, Roberto Macedo.

O ranking das exportações

- Santa Cruz do Sul (3º do RS de jan-set): 95% tabaco e derivados
- Venâncio Aires (7º do RS de jan-set): 96,6% tabaco e derivados
- Santa Maria (12º do RS de jan-set): 96% soja, trigo e arroz
- Cruzeiro do Sul (21º do RS de jan-set): 100% gordura animal e farinhas de carne
- Cachoeira do Sul (24º do RS de jan-set): 82,3% tortas e outros resíduos de soja, óleo de soja, soja triturada
- Lajeado (25º do RS de jan-set): 43% partes de calçados, 35% produtos de confeitaria, doces e chocolates, 17% carne suína
- Encantado (39º do RS de jan-set): 67% mate, 19% carne suína e miúdos

(FONTE: MINISTÉRIO DO COMÉRCIO EXTERIOR)

A produção de fumo

- Venâncio Aires: 8,2 mil hectares plantados (3º RS)
- Candelária: 5,4 mil hectares plantados (6º RS)
- Vale do Sol: 5,2 mil hectares plantados (7º RS)
- Arroio do Tigre: 4,7 mil hectares plantados (8º RS)
- Santa Cruz do Sul: 4,6 mil hectares plantados (9º RS)

(FONTE: IBGE, 2022)

Indústria Fumageira

- 8 indústrias em Santa Cruz do Sul
- 5 indústrias em Venâncio Aires

(FONTE: Sinditabaco)

Agronegócio

Produção suína nos Vales tem expansão após cheia

Vale do Taquari e Vale do Rio Pardo concentram 30% da produção industrial de suínos no Rio Grande do Sul

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Entre os Vales do Taquari e Rio Pardo, concentram-se 30% da produção industrial de suínos no Rio Grande do Sul. Um dos principais setores responsáveis por tornar as regiões referências em relação à proteína animal no Estado é um dos que, após o impacto da cheia de maio, tem a resposta mais vigorosa para a economia gaúcha. Com os abates 100% recompostos, entre julho e agosto o Rio Grande do Sul exportou 56 mil toneladas de carne suína – 16,8 mil toneladas entre os Vales –, com um faturamento de US\$ 140 milhões.

“Desde as cheias, temos vivido um momento de fortalecimento. O setor de suínos é o único que tem abates positivos no Estado em relação ao ano passado, e a perspectiva é muito positiva, com a possibilidade de abertura de novos mercados internacionais em breve, com a visita prevista do presidente chinês ao Brasil em novembro. Este movimento de recomposição movimentada não somente a indústria, mas todo o setor que vem de três anos em dificuldades pela estiagem e os preços deprimidos”, aponta o diretor executivo do Sindicato das



DÁLIA/DIVULGAÇÃO/JC

Perdas anteriores levaram a Dália a antecipar adaptações na fábrica

Indústrias de Produtos Suínos do RS (Sips), Rogério Kerber.

A expectativa do setor é abrir o mercado chinês para cortes suínos com osso e miúdos, o que resultaria em pelo menos US\$ 100 milhões a mais nessa relação comercial. Conforme os dados da Fundação de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa), foram abatidos 6,8 milhões de suínos no Estado entre janeiro e agosto deste ano, 1,16% a mais do que no mesmo período de 2023. A média de abates entre junho e agosto, no pós-quebra, foi 4% superior aos cinco meses anteriores deste ano. De acordo com Kerber, as perdas nos sistemas integrados de criação não foram expressivas.

Em relação às indústrias, os casos mais graves foram da unidade da BRF, considerada a maior indústria de Lajeado, a

unidade de processamento da JBS, em Arroio do Meio, e a cooperativa Dália, com sua unidade de suínos em Encantado.

De acordo com o presidente executivo da cooperativa, Carlos Alberto Freitas, por meio de nota, “os prejuízos foram imensos, muito significativos e, certamente, serão necessários muitos anos para retomarmos o estágio anterior às inundações”.

Ele refere-se também às cheias de setembro e novembro do ano passado, sem revelar valores das perdas. A Dália conta com uma rede de 363 produtores de suínos. A unidade, invadida pela água, retomou a produção no dia 20 de maio. Desta vez, no entanto, a direção da cooperativa garante que foi menos surpreendida do que no ano passado, com algumas adaptações que deram maior resiliência às suas instalações.

Avicultura espera apoio financeiro

O complexo avícola da Dália também foi afetado pela cheia, mas com menor gravidade, em Arroio do Meio. A produção, no entanto, ficou parada em virtude da falta de energia elétrica. Conforme a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), o Vale do Taquari responde por 21% da produção de frangos e outros 10% de ovos no Rio Grande do Sul. Ao todo, a associação estimou em R\$ 247,8 milhões em perdas às empresas do setor.

Além do complexo aviário da Dália, o frigorífico da Minuano também ficou 20 dias

sem produzir em Lajeado. Em Rio Pardo, o frigorífico Bom Frango, atingido pela terceira vez, paralisou a produção por um mês. Na região, houve redução de 4,8% nos abates entre janeiro e agosto em relação ao ano passado.

“A retomada só será possível com acesso a recursos que ainda não foram liberados pelo governo a algumas empresas do setor. Se vierem recursos, crédito que em um ano poderemos dizer que o setor voltará a atuar a pleno”, diz o presidente-executivo da Asgav, José Eduardo dos Santos.

Cooperativa aposta em parcerias

As cheias encontraram a cooperativa Languiru, com sede em Teutônia, em pleno período de reestruturação. E neste processo, desde 2023 a Languiru tem se aperfeiçoado em parcerias para se manter ativas e retomar a sua produção. No momento de retomada, este know-how acabou sendo fundamental. Caso emblemático aconteceu na produção de leite.

“A cadeia do leite foi muito afetada, então mobilizamos uma rede de parcerias e apoio. Na nossa planta em Teutônia, recebemos leite e envasamos para oito indústrias durante o período mais crítico da enxurrada. Por outro lado, no Sul do Estado, por exemplo, uma cooperativa de São Lourenço do Sul absorveu 7 mil litros de leite dos nossos associados, que não conseguimos recolher e trazer até o Vale do Taquari, com problemas logísticos. No Vale do Rio Pardo, direcionamos, por exemplo, para laticínios

da Dália e da Baky, em Passo do Sobrado. É uma marca da região uma empresa ajudar a outra”, avalia o presidente da cooperativa, Paulo Roberto Birck.

No seu processo de recuperação, hoje a maior parte dos 7,5 milhões de litros de leite por mês recebidos pela Languiru vai para a Lactalis, também em Teutônia. Em contrapartida, até 20% do produto é envasado com a marca Languiru. A unidade segue operando nas linhas de derivados do leite.

Em outra frente, está o frigorífico de aves da cooperativa, em Westfália. Lá, há terceirização da produção com a JBS, e está em crescimento. Com habilitação para vender à China, o frigorífico tem alto padrão técnico e, neste ano, abriu o segundo turno de produção. Já são abatidas aproximadamente 155 mil aves por dia em Westfália – 130 mil à produção da JBS e 25 mil à Languiru.

Cadeia da Proteína Animal (FONTES: IBGE, 2022, SIPS, ASGAV, ABRAFRIGO)

Produção de suínos:

- 📍 Roca Sales - 7,4 mil suínos
- 📍 Dois Lajeados - 7,2 mil suínos
- 📍 Anta Gorda - 6,03 mil suínos
- 📍 Capitão - 5,3 mil suínos
- 📍 Cruzeiro do Sul - 5,2 mil suínos

Frigoríficos suínos:

- 📍 Lajeado (BRF)
- 📍 Encantado (Dália)
- 📍 Arroio do Meio (JBS)
- 📍 Santa Cruz do Sul (Frigorífico Rio Pardo, Excelsior)

Produção de aves:

- 📍 Taquari - 582 mil frangos
- 📍 Westfália - 448 mil frangos
- 📍 Fazenda Vilanova - 425 mil frangos
- 📍 Cruzeiro do Sul - 355 mil frangos
- 📍 Lajeado - 325 mil frangos

Frigoríficos avícolas:

- 📍 Lajeado (BRF, Minuano)
- 📍 Arroio do Meio (Dália)
- 📍 Languiru (Westfália)
- 📍 Santa Cruz do Sul (Panke)
- 📍 Rio Pardo (Bom Frango)

Produção de leite:

- 📍 Anta Gorda
- 📍 Estrela
- 📍 Teutônia
- 📍 Arroio do Meio
- 📍 Júlio de Castilhos

Laticínios:

- 📍 Estrela (Latvida, Tangará)
- 📍 Teutônia (Languiru, Lactalis)
- 📍 Encantado (Dália)
- 📍 Passo do Sobrado (Baky)
- 📍 Anta Gorda (Cotrilac)
- 📍 Doutor Ricardo (Don Miro)

📍 Putinga (Nonna Nita)

- 📍 Imigrante (Laticínios do Sul)

Bovinos de corte:

- 📍 Santiago - 171,6 mil cabeças
- 📍 São Francisco de Assis - 166,7 mil cabeças
- 📍 Cachoeira do Sul - 128,7 mil cabeças
- 📍 Cacequi - 118,8 mil cabeças
- 📍 São Sepé - 100,9 mil cabeças

Frigoríficos bovinos:

- 📍 Bom Retiro do Sul (Coopsul)
- 📍 Santa Maria (Frigorífico Silva)
- 📍 Júlio de Castilhos (Castilhos)
- 📍 Venâncio Aires (Boi Gaúcho)
- 📍 Teutônia (Frigoval)
- 📍 Pantano Grande (Comesul Beef)



LANGUIRU/DIVULGAÇÃO/JC

Produção de aves foi terceirizada em parceria com a JBS

Agronegócio

A caminho da primeira carne com selo verde do Estado

Município de Cacequi é protagonista em boas práticas agropecuárias sustentáveis

Em meio ao cinturão da soja na faixa central do Estado, e com um dos cinco maiores rebanhos de gado de corte entre as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico, o município de Cacequi é protagonista em boas práticas agropecuárias sustentáveis. Não à toa, conforme o levantamento do SEEG de 2022, o município captura o maior volume de gases do efeito estufa neste recorte do Estado. Boa parte da explicação está da porteira para dentro da Fazenda Itapevi.

A partir da propriedade que há 121 anos é da família de Otávio Paiva, a perspectiva é de que no final de 2025 os frigoríficos recebam o primeiro lote de carne com “selo verde”, de 100% orgânica. A fazenda, que já tem destaque no desenvolvimento genético do gado e na criação no sistema silvopastoril, será a primeira no Sul do Brasil a ter este selo, a partir do projeto-piloto implantado em parceria com a Embrapa e a UFSM.

Era uma oportunidade que a Marfrig, apontada como a indústria que processará o abate e comercialização da carne com selo verde, já desenvolve junto a produtores do Uruguai, por exemplo.

“Os animais que vamos usar para este projeto terão



FAZENDA ITAPEVI/DIVULGAÇÃO/JC

Fazenda Itapevi mantém 200 hectares de área silvopastoril

superioridade na produção de carne, com alta genética, capaz de fazer a diferença no mercado pela qualidade. Calculamos que, com o selo verde, seja possível um ganho de 5% a 10% a mais no valor da carne, e ainda com um acréscimo de outros 5% por ser premium. Hoje, trabalhamos com 800 animais, sendo 20% de elite, e os demais terminadores. Agora, teremos o ciclo completo da produção”, explica o produtor. Para atender à demanda deste novo mercado, e também multiplicar as práticas sustentáveis, Paiva já conversa com propriedades vizinhas para que usem a sua genética na fase de incubação do gado. A meta é chegar a 2 mil cabeças com selo verde por ano.

O novo passo rumo a produção ainda mais limpa está no DNA da Itapevi. Começou, como recorda Paiva, quando o pai, em 1974, desenvolveu o plantio direto e introduziu o trigo na

região. Há 20 anos, diante da estagnação e das perdas com as secas da soja, foi Otávio Paiva quem deu uma virada. Investiu na silvicultura, com o plantio de eucaliptos, mas não parou por aí. Em 18 meses, tinha o seu gado pastando no campo, mas dentro da área de floresta.

É a prática da neutralização direta dos gases gerados pela bovinocultura, apontada como uma das produções de maior potencial gerador de gases. No sistema silvopastoril, a floresta neutraliza boa parte dessas emissões e ainda gera ganhos ao solo, com o pasto natural coberto. “Quando as folhas morrem, caem no solo e isso resulta em ainda maior produção de nutrientes. Toda essa ciclagem é feita debaixo dos eucaliptos, como se fosse um galpão a céu aberto. Temos um solo com condições 50% superior ao nativo.”

Hoje, a propriedade conta com 200 hectares de área silvopastoril, considerada ideal para o desenvolvimento de mil animais. A condição “verde” destes animais e da propriedade será acompanhada a cada 15 dias por técnicos da UFSM, inclusive com monitoramento do balanço de emissões nas áreas de pastagem, de floresta e de mata nativa da fazenda. A dieta dos animais, além da pastagem, com suplementação toda orgânica, também será controlada até render o selo. A ideia do produtor é avançar com esta cultura em toda a sua produção. A fazenda segue produzindo soja e arroz, com sistema de rotação entre as duas culturas e as pastagens.

Qualidade na produção de erva-mate é trunfo da região

O trabalho técnico em conjunto entre os produtores e a Emater nos últimos anos é a principal esperança do setor produtor de erva-mate para confirmar a expectativa que tinha antes das cheias de maio de garantir uma safra superior à dos últimos anos. Pelo levantamento da entidade, a cheia destruiu por completo 438,8 mil plantas no Estado. De acordo com o Instituto Brasileiro da Erva-Mate (Ibramate), a perda é estimada em 10% da produção, justamente na região do alto Taquari, onde estão os municípios de maior produção da erva no Rio Grande do Sul.

“Comparado com outras culturas, o nosso impacto foi pontual, com uma perda total pequena. Mas há uma preocupação em relação ao excesso de chuva, que derrubou muitas folhas, e o excesso de umidade, que não é muito bom para a planta. Havia uma preocupação também com o frio, neste período a planta precisa de frio, ou perde folhas. Tivemos também alguns problemas logísticos, para acessar as áreas de plantios. Geralmente a colheita acontece entre maio e setembro, mas segue também nos outros meses”, explica o presidente do Ibramate, Alberto Tomelero.

A aposta, para chegar às até 320 mil toneladas previstas pela Emater para essa safra de erva-mate verde, chegando a 52% a mais do que em 2022, por exemplo, quando houve estiagem, está na melhoria técnica dos ervais. Segundo Tomelero, no Estado há hoje produtores que chegam a obter 30 toneladas de erva por hectare, com uma

média de 10 toneladas. Há uma década, a média ficava em torno de 5 toneladas por hectare.

“A produção tem se qualificado muito, com o maior adensamento dos ervais. Levam oito anos para que um erval se desenvolva, e o que tem acontecido em regiões como o Alto Taquari, onde as áreas não são planas e não permitem a mecanização para outras culturas, é essa especialização. O número de produtores até reduziu, mas a qualidade do produto está em evolução”, comenta o dirigente. Nesta região, que concentra os quatro principais municípios produtores de erva-mate e, juntos, somam mais de 50% da área plantada no Rio Grande do Sul. “No mundo, o maior consumo é da erva amarela, e a nossa indústria ainda não tem, e não incentiva o produtor a ter, estrutura para armazenar grandes quantidades de erva, para que ela fique estacionada, como faz a indústria argentina”, aponta Tomelero.

Segundo ele, quanto mais tempo de estacionamento da erva, mais suave ela fica. De forma individual, algumas empresas, como a Baldo, em Encantado, têm avançado neste setor. Não à toa, sai do município 71% da erva-mate exportada pelo Rio Grande do Sul. É o principal exportador gaúcho. Na região, somente Arvorezinha está na lista dos cinco principais exportadores, mas com menos de 5% da erva negociada no exterior. Por outro lado, a produção de Ilópolis, Arvorezinha, Anta Gorda e Putinga, somadas, representam 43,7% de toda a erva-mate do Estado.

Produção de erva-mate em municípios

- Em 2022, o Rio Grande do Sul concentrava 28,1 mil hectares de área plantada, 36,7% da produção do País. Entre 2020 e 2022, houve crescimento de 2,8% da área plantada.
- 73% das exportações de erva-mate são gaúchas.
- **Maiores produtores**
- ♥ Ilópolis: 5,2 mil hectares (34,5 mil toneladas)
- ♥ Arvorezinha: 5 mil hectares (30,4 mil toneladas)
- ♥ Anta Gorda 2,7 mil hectares

- (16,8 mil toneladas)
- ♥ Putinga: 1,6 mil hectares (10,4 mil toneladas)
- ♥ Venâncio Aires: 600 hectares (em 20 anos, reduziu em 4,1 mil hectares)
- **Exportadores de erva-mate**
- ♥ Encantado: 49,9 milhões de dólares (71% das exportações do RS)
- ♥ Arvorezinha: 3,2 milhões de dólares (4,6% das exportações do RS)

(FONTE: SEAPI,2022)

Dados sobre emissões

- As Regiões Central, Jacuí Centro e Vales do Jaguari, Taquari e Rio Pardo respondem por 12,09% do PIB do RS, mas emitem 16,12% dos gases do efeito estufa do Estado.
- Entre as regiões, o Vale do Jaguari, que teve crescimento de quase 60% no PIB entre 2020 e 2021, é o que mais emite, totalizando 5,4 milhões de toneladas em 2022.
- O Vale do Rio Pardo, onde está o município mais industrializado da região, é o que mais captura gases, 20,4% do que emite.

- **Municípios que mais emitem GEE:**
- ♥ Santiago: 1,2 Mt
- ♥ São Francisco de Assis: 1,1 Mt
- ♥ Cachoeira do Sul: 1 Mt
- ♥ Santa Maria 865,2 kt
- ♥ Jaguari 848,2 kt
- **Municípios que mais capturam GEE:**
- ♥ Cacequi: 253 kt
- ♥ Cachoeira do Sul: 193,1 kt
- ♥ São Francisco de Assis: 160,2 kt
- ♥ Rio Pardo: 133,1 kt
- ♥ São Sepé: 108,6 kt

(FONTE: SEEG,2022)

Infraestrutura

Duplicação da RSC-287 pode transformar a Região Central

Estrada faz a ligação com a Região Metropolitana de Porto Alegre

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A tão esperada duplicação da RSC-287, que liga o Centro do Estado à Região Metropolitana, deveria ter iniciado em maio, a partir de dois pequenos trechos, cada um com dois quilômetros, em Tabai e em Santa Cruz do Sul. No mês em que previa estar com as máquinas na pista, a concessionária Rota Santa Maria utilizou-as para garantir a retomada do fluxo seguro da maneira como era possível após a catástrofe provocada pelas cheias.

Segundo o diretor geral da concessionária, Leandro Conterato, a pista ficou totalmente interditada, com 13 pontos apresentando danos totais. Quatro deles, considerados os mais críticos: em Mariante, a pista ficou submersa por 10 quilômetros, tendo sido parcial ou totalmente destruída por 5 quilômetros; em Candelária, um dos vãos da ponte sobre a várzea do Rio Pardo ficou desestabilizado e a solução nestes dois trechos foi criar caminhos provisórios laterais aos originais. Houve, ainda, duas pontes que desabaram e, nestes casos, em Santa Maria, o Exército apoiou com pontes móveis.

“Na primeira semana de junho, a rodovia estava reconectada. A partir daí, começamos as ações para a recuperação



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Obras seguirão novos parâmetros de resiliência após as cheias

definitiva, já com novos parâmetros de resiliência e dentro do nosso projeto de duplicação, com novas soluções de engenharia que foram apresentadas ao Estado”, explica Conterato.

Até o início de setembro, a concessionária contabilizava ter gasto R\$ 40 milhões nas obras emergenciais, e para a recomposição, há uma estimativa de chegar a R\$ 200 milhões. Até o final deste ano, a Rota Santa Maria projeta desembolsar outros R\$ 50 milhões em investimentos.

Já houve um acordo com o governo estadual para postergar a entrega dos primeiros trechos duplicados, agora com um cronograma que se estende até agosto de 2025. A proposta da concessionária, que deve ter uma definição até novembro, é de que os quatro trechos considerados críticos durante as cheias sejam os primeiros a serem executados na duplicação,

com ações que devem incluir novas pontes em zonas de várzea, o aumento da capacidade de vazão em galerias, estruturas com pedras e não com aterros, para permitir o fluxo da água sem criar barragens, além da elevação de pistas, seguindo novos padrões hidráulicos e hidrológicos.

“A RSC-287 é um corredor logístico estratégico para o RS, então, quando essa rodovia colapsa, gera prejuízo a toda a região. Foi projetada há 60 anos, com outra realidade, e o que aconteceu neste ano surpreendeu a todos pela magnitude, mas agora é possível ter uma noção mais clara do que é preciso fazer nesta mudança de conceito de infraestrutura. Foi isso que apresentamos ao Estado”, aponta o diretor.

Inicialmente, a concessão da RSC-287 previa um prazo de quatro anos para finalizar o primeiro ciclo da duplicação, com 130 km de extensão.

Melhorias na rodovia BR-386 auxiliam na retomada dos Vales

A BR-386, chamada Rodovia da Produção, que cruza o Vale do Taquari no caminho entre o Norte do Estado e a Região Metropolitana, tem em torno de 500 trabalhadores empenhados na recuperação de trechos afetados pelas cheias de maio – a previsão de finalização é o primeiro

semestre de 2025 – e na duplicação de três trechos pela concessionária CCR ViaSul.

Conforme o coordenador de engenharia da CCR ViaSul, Gabriel Cunha, foram 60 pontos que exigiram intervenções desde maio, que demandarão até R\$ 250 milhões por parte da concessionária.

Santa Maria espera que obras em estradas sejam aceleradas

O Dnit lançou, neste segundo semestre, o edital para a elaboração do projeto do novo traçado da BR-392, de Santa Maria a Santo Ângelo, nas Missões. A rodovia é o principal caminho na rota da produção do Centro do RS ao Porto de Rio Grande.

Serão investidos R\$ 28 milhões pelo governo federal na fase de projetos e, ainda

sem orçamento definido, toda a obra, de 223,5 quilômetros, pode custar até R\$ 2,5 bilhões. A rodovia, fundamental para desafogar as BRs 158 e 287 no escoamento da safra de soja, é considerada prioritária pelo Novo PAC. A perspectiva é de que, a partir da escolha da empresa que tocará o projeto, sejam 720 dias para concluir essa etapa.

Municipalização pode impulsionar Porto de Estrela

Em maio, o Porto de Estrela, no Vale do Taquari, recebeu o documento de doação, por parte do Estado, dos 49 hectares de sua área. Agora, a aposta de lideranças para que a hidrovía pelo Rio Taquari possa, finalmente, representar uma alternativa logística viável, começa a tomar forma. Em julho, o Dnit iniciou a dragagem, o que deve se

estender até agosto de 2025.

Para levar adiante o projeto, o governo local criou a Empresa Pública de Logística de Estrela (E-Log), cuja missão é atrair investimentos para o local. Segundo a presidente da E-Log, Elaine Strehl, o primeiro objetivo com a retomada da rota hidrovária é possibilitar o fluxo de grãos em direção ao Porto de Rio Grande.

Aeroporto civil é uma demanda da região

O aeródromo de Estrela, em uma área de 24 hectares, teve a sua gestão municipalizada e, mesmo tomado pela água durante a cheia, nos últimos meses já registrou voos de pequenas aeronaves. “Entendemos que é uma alternativa muito valiosa para aproximar investidores da nossa região”, diz a presidente da Empresa Pública de Logística de Estrela (E-Log), Elaine Strehl.

Hoje, a pista tem 500 metros de extensão. Com a municipalização, o prefeito Elmar Schneider acredita que seja mais fácil buscar, junto ao governo federal,

investimentos para a pavimentação e ampliação da pista para mil metros.

Já em Santa Maria, também foi renovada a expectativa de novos investimentos em melhorias para o Aeroporto Regional Brigadeiro Cherubim Rosa Filho. No começo de setembro, a prefeitura e o governo federal assinaram a renovação da cedência de uso da estrutura até 2050, com a garantia de novas rotas entre Santa Maria e cidades brasileiras.

Atualmente, o uso da pista é dividido com a Base Aérea de Santa Maria, e inviabiliza a

frequência de aeronaves maiores. Nos últimos sete anos, o município atraiu investimento de mais de R\$ 14 milhões na operação, com obras no pátio, no balizamento, entre outras. Triplicar o tamanho do terminal de passageiros segue entre os objetivos do município, agora, com R\$ 25 milhões garantidos pelo Novo PAC. No horizonte, há planos para um novo aeroporto regional que seja referência para todo o Centro do Estado. Até o momento, o aeroporto opera com sete voos semanais a Campinas (SP) e quatro a Florianópolis (SC).

As obras de infraestrutura

● **Novo traçado BR-392:** a rota que liga o Noroeste do Estado ao Porto de Rio Grande, tendo a Região Central como ponto nevrálgico, tem perspectiva de, a partir do projeto, começar a sair do papel em 2026.

● **Duplicação da RSC-287:** a concessionária Rota Santa Maria pretende iniciar as obras de duplicação ainda neste ano, concomitantemente aos trabalhos de recuperação de trechos danificados pelas cheias. A concessionária investe R\$ 50 milhões na rodovia, além de R\$ 40 milhões em recuperação.

● **Duplicação da BR-386:** a concessionária CCR ViaSul atua

em três frentes de duplicação da Rodovia da Produção, entre o Norte do Estado e a Região Metropolitana. Entre Lajeado e Marques de Souza, a duplicação deve acabar no primeiro semestre de 2025. Neste ano, a CCR ViaSul investe R\$ 875 milhões em seus trechos concedidos no RS.

● **Aeroportos:** a prefeitura de Santa Maria articula-se para garantir investimentos em melhorias na pista e estrutura do Aeroporto Regional Brigadeiro Cherubim Rosa Filho. Em Estrela, o governo local municipalizou o aeródromo e trabalha para ampliar a pista.

Turismo

Turismo nos Vales abre os braços para recuperação e novos visitantes

Região registrou graves problemas logísticos com as cheias de maio

Entre julho e agosto, pelo menos 200 visitantes chegaram ao complexo do Cristo Protetor, em Encantado, no Vale do Taquari, a partir de vouchers distribuídos por estabelecimentos comerciais da região cada vez que os clientes consumiam um valor específico. A vista era um presente e também uma forma de multiplicar a ideia de que, sim, o Vale do Taquari está de novo de braços abertos para receber o turismo. Para ganhar o prêmio, o consumidor precisava postar fotos nas suas redes sociais, como um convite a essa retomada.

“O impacto sobre o setor do turismo em maio foi muito maior do que nas cheias do ano passado, por uma série de destruições da malha logística. O caminho entre Lajeado e Arroio do Meio, que é a ligação entre a parte alta e a baixa do Vale, ficou inviável. A ferrovia foi fechada, cancelando toda a temporada de visitas do Trem dos

Vales. Muitos empreendimentos rurais, que tinham parte da renda relacionada ao turismo, deixaram de atuar. Por isso, a nossa aposta nessa retomada mais rápida é o Cristo Protetor, por todo o potencial que tem de garantir o consumo na região”, explica o presidente da Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales (Amturvalles), Charles Rossner.

O maior desafio, completa o presidente, é demonstrar para potenciais visitantes que o Vale do Taquari não foi destruído e está ativo novamente. A associação tem realizado encontros com agentes de turismo de outras regiões como forma de esclarecer sobre a atual situação. E tem rendido resultados.

Desde a reabertura para visita, em junho, a média de visitantes mensais está em torno de 2 mil pessoas. No período pré-enchentes, entre janeiro e abril, essa média chegava a 7,5 mil. A contar da abertura, em maio de 2021, aproximadamente 280 mil turistas de mais de 60 países conheceram o monumento. Para os próximos meses, aposta a associação



Obras no complexo do Cristo Protetor de Encantado estão previstas para terminar em dezembro

que gerencia o local, há a expectativa de chegar a 10 mil turistas mensais, volume que era observado antes das cheias de setembro de 2023.

A finalização do complexo está prevista para dezembro. O local terá 12 mil metros quadrados, contando com capela de vidro, sanitários, praça de alimentação e salas comerciais, além da visita panorâmica ao coração do Cristo Protetor. A partir dessa melhoria, a estimativa é chegar a até 20 mil visitantes mensais.

“O turismo ainda é um potencial a ser explorado. Representa entre 4% e 5% do PIB da região, mas, no momento de retomada, tem a vantagem de injetar dinheiro novo rapidamente e diretamente na economia. Em

2022, por exemplo, antes dos dois anos com cheias, tivemos 150 mil visitantes, com um ticket médio de R\$ 230 por dia. Temos muito o que evoluir, porque, mesmo retomando aqueles números, queremos avançar em acomodações e logística para mudar este perfil de 90% dos turistas que vêm para passar somente um dia”, aponta Rossner.

No Vale do Rio Pardo, a aposta está na retomada do turismo relacionado à gastronomia e à cultura. É o que aponta a Associação de Turismo da Região do Vale do Rio Pardo (Aturvarp), com uma preocupação especial em relação aos prejuízos logísticos a partir das cheias de maio. Com o fechamento do Aeroporto Salgado Filho, por exemplo,

aumentou a pressão de lideranças locais por uma melhor estruturação do Aeroporto Luiz Back da Silva, de Santa Cruz do Sul. A prefeitura local confirmou, por exemplo, a abertura de licitação para o balizamento noturno – instalação de dispositivos que permitem a operação do espaço 24 horas –, e há uma perspectiva de ampliação dos serviços aéreos.

A partir da criação da campanha “Vale do Rio Pardo, viva essa experiência”, em parceria entre a associação, o Sebrae-RS e o Sicredi Vale do Rio Pardo, ainda no final de 2023, e retomada agora, a Aturvarp tem liderado a busca de pelo menos R\$ 500 mil para a criação de roteiros de viagem regionais.

Chuva potencializa turismo científico na Região Central

Curiosamente, as cheias potencializaram e geraram novas frentes de pesquisa em relação ao turismo científico, movido pelo valor paleontológico na Região Central do Estado. Em junho, um mês depois dos eventos climáticos, a comunidade científica internacional reconheceu a descoberta do fóssil *Parvosuchus aurelioi* – como foi batizado o réptil anterior aos dinossauros –, uma espécie até então inédita no Brasil. O fóssil, inclusive com o crânio em ótimo estado, foi achado em Paraíso do Sul.

O resultado de mais uma descoberta relacionada ao trabalho do Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica (Cappa), da UFSM, naturalmente atraiu

um número maior de pesquisadores ao Geoparque da Quarta Colônia, mas este interesse foi ampliado ainda mais com o efeito da enxurrada no solo.

“Os fósseis surgem naturalmente pela erosão. A chuva, geralmente, é nossa parceira. Depois de cada evento de chuva, vamos lá coletar. Agora, provavelmente perdemos muita coisa, mas, por outro lado, muitas revelações apareceram com esse alto volume de chuva, e isso tem motivado ainda mais as pesquisas e a relevância do nosso Centro, que é modelo de paleontologia no Brasil. Temos colaborações com pesquisadores do mundo todo”, aponta o paleontólogo Rodrigo Müller, que desde 2016 atua no Cappa

e é o autor do estudo sobre a espécie recentemente confirmada.

Já são 26 novas espécies encontradas em revelações de fósseis na região do Geoparque. A partir da aceleração da erosão do solo com as cheias na área, Müller confirma que diversos materiais foram revelados. As principais descobertas aconteceram entre Agudo e São João do Polêsine.

Foi neste último município que, em julho, foi possível encontrar o esqueleto quase completo de um dinossauro com aproximadamente 233 milhões de anos, do Período Triássico. A estimativa é de que o animal teria chegado a 2,5 metros de comprimento.

Rotas Turísticas

- **Geoparque da Quarta Colônia:** A rota, na Região Central do Estado, combina o turismo científico e acadêmico ao cultural e rural, com a região de imigração italiana, na Quarta Colônia.
- **Santiago do Brasil:** A partir de Santiago, no Vale do Jaguari, o turista é convidado a uma experiência de contemplação, na rota de 147 quilômetros em direção às Missões, passando por um museu a céu aberto, com as árvores petrificadas de Mata.
- **Vale do Rio Pardo:** O Vale do Rio Pardo oferece uma série de alternativas turísticas, do chimarrão

ao chopp, passando pelas tradições rurais alemãs aos festejos como a Oktoberfest.

● **Cristo Protetor:** Em Encantado, no Vale do Taquari, o santuário é local de peregrinação para turistas do Brasil e do Exterior.

● **Trem dos Vales:** O Trem dos Vales foi uma atração turística duramente atingida pelas cheias, e teve a temporada 2024 cancelada. Entre 2019 e 2023, mobilizou, no percurso superior a 40 quilômetros, que apresenta a paisagem do Vale do Taquari, entre Guaporé e Muçum, mais de 115 mil passageiros.

Painel

Evento do Mapa Econômico reuniu lideranças em Santa Maria

Mais de uma centena de lideranças participaram do painel no LabCriativo, em 17 de outubro. O evento debateu desafios para a retomada e oportunidades de desenvolvimento para as Regiões Central e Vales.



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Derly Fialho, secretário-adjunto de Desenvolvimento do Estado



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente do Crea-RS, Nanci Walter participou do debate



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente do Jornal do Comércio, Giovanni Jarros Tumelero fez a abertura do evento em Santa Maria



TÂNIA MEINERZ/JC

Painelistas Ademar da Costa (Sindilojas), Luciano Schuch (reitor UFSM) e Ricardo Jobim (empresário)



TÂNIA MEINERZ/JC

Gerente do CIEE-RS em Santa Maria, Darenny Ribeiro, e a líder técnica de Aprendizagem do CIEE-RS, Camila Tonel, participaram do Mapa



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Secretário de Licenciamento de Santa Maria, Beloyannes Pietro



TÂNIA MEINERZ/JC

Jeanne Mainardi, da Câmara de Dirigentes Lojistas de Santa Maria

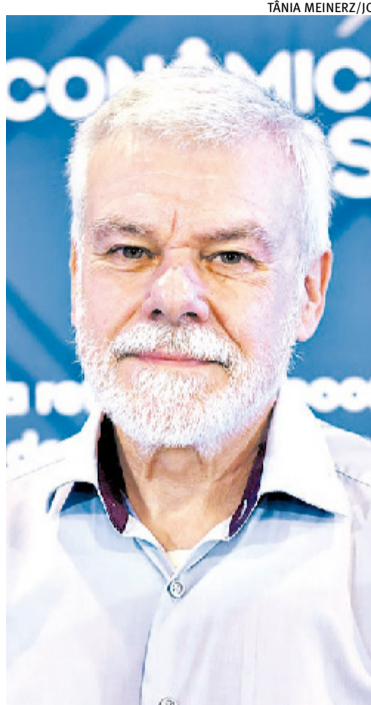


TÂNIA MEINERZ/JC

Gustavo Paulus, presidente da TV Record RS, prestigiou evento



Márlon Bentlin, gerente regional BRDE na Região Central do RS



Julio Kirchhof, vice-presidente da Fiegs, participou do painel



Dirigentes lojistas do Sindilojas e da CDL Santa Maria participaram do Mapa Econômico do RS



Rossana Boeira, da Agência de Desenvolvimento de Santa Maria



Luiz Antônio Marchezan, sócio da Cyrilla Refrigerantes



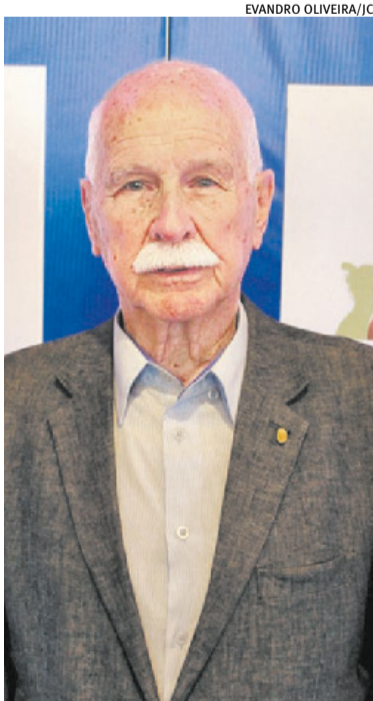
Prefeito eleito de São Francisco de Assis, Rubemar Paulinho Salbego



Airton Wilhelm, presidente da Associação Comercial de Agudo



Gustavo Hüning, oftalmologista de Santa Maria esteve no evento



Professor universitário Ony Lacerda citou potencial da cidade



Vice-presidente administrativa da Fecomércio-RS, Isabel Ineu



Dirigentes e lideranças do Crea-RS em Santa Maria e engenheiros presentes no evento posaram para foto

Jornal do Comércio 91

O jornal de economia e negócios do RS ANOS

Projeto:

MAPA ECONÔMICO DO RS

2024

Desafios para a retomada econômica e oportunidades de desenvolvimento para as regiões Metropolitana, Litoral e Vale do Sinos.

Participe!



Evento Presencial em Porto Alegre



Data: 03/12



Confira mais conteúdos do Mapa escaneando o QRCode

